

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS DE LEITORES NAS
CRÍTICAS DE CINEMA DO SITE OMELETE**

CHRISTIAN DANNIEL BERNARDO SOUZA

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS DE LEITORES NAS
CRÍTICAS DE CINEMA DO SITE OMELETE**

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

CHRISTIAN DANNIEL BERNARDO SOUZA

Orientador: Prof. Dr. Octavio Carvalho Aragão Júnior

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Análise dos comentários de leitores nas críticas de cinema do site Omelete**, elaborada por Christian Danniell Bernardo Souza.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Octavio Carvalho Aragão Júnior
Doutor em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Fernando Ewerton Fernandez Jr.
Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Letícia Perani Soares
Doutoranda em Comunicação pela Uerj
Departamento de Comunicação – Uerj

RIO DE JANEIRO

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

SOUZA, Christian Dannel Bernardo.

Análise dos comentários de leitores nas críticas de cinema do site
Omelete. Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Octavio Carvalho Aragão Júnior

SOUZA, Christian Dannel Bernardo. **Análise dos comentários de leitores nas críticas de cinema do site Omelete**. Orientador: Octavio Carvalho Aragão Júnior. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

O trabalho propõe-se a analisar os comentários escritos por leitores em críticas de cinema publicadas no site de entretenimento Omelete. Criado em 2000, o site inicialmente era voltado para fãs de quadrinhos, mas ao longo do tempo passou a englobar conteúdos sobre diferentes áreas da cultura pop. Sendo assim, foram selecionados para análise comentários publicados em críticas de adaptações cinematográficas de histórias de super-heróis originários dos quadrinhos. Os objetivos deste estudo são mostrar a mudança de público do site; como pessoas de diferentes nichos se relacionam em um mesmo ambiente virtual de discussão; e expor o fim da comunicação unidirecional, referente a público e crítica.

Palavras-chave: comentários, internet, crítica, leitores, Omelete.

AGRADECIMENTOS

*À minha família, por me alimentar e me dar um teto.
Ao Colégio Pedro II, sem o qual não teria chegado à faculdade.
À Escola de Comunicação da UFRJ, pelo conhecimento adquirido.
Aos colegas de curso, pelos anos de convivência compartilhados.
Ao meu orientador Octavio Aragão, pelo auxílio nesta tarefa.
Às empresas em que estagiei, pelas experiências profissionais.
Aos Ramones, por me inspirarem a ser sucinto.*

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. CRÍTICAS E CRÍTICOS DE CINEMA	5
2.1. Breve história da crítica de cinema	5
2.2. O que é crítica?	8
2.3. O papel do crítico	10
3. INTERNET E CONTEÚDO	14
3.1. O surgimento da internet	14
3.2. Características do meio	15
3.2.1. Instantaneidade	16
3.2.2. Hipertexto	17
3.2.3. Multimídia	18
3.2.4. Interatividade	19
3.3. Um espaço de emissão e recepção de conteúdo	20
3.3.1. Portais	21
3.3.2. Blogs	22
4. AMBIENTES DE INTERAÇÃO NA WEB	25
4.1. Comunidades virtuais	25
4.2. Nichos	27
4.3. Cibercinéfilos e fãs de quadrinhos	28
4.3.1. Cibercinéfilos	29
4.3.2. Fandom, quadrinhos e cinema	30
5. PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES NAS CRÍTICAS DE CINEMA DO SITE OMELETE	33
5.1. Omelete: Entretenimento levado à sério	33
5.2. Críticas de cinema e funcionamento da área de comentários	34
5.3. Análise dos comentários dos leitores	37
5.3.1. <i>Batman: O Cavaleiro das Trevas Ressurge</i> e <i>O Homem de Aço</i>	37

5.3.2. <i>Capitão América 2: O Soldado Invernal</i>	39
5.3.3. <i>O Espetacular Homem-Aranha 2: A Ameaça de Electro</i>	41
5.4. Perfil dos omelenaugas	43
6. CONCLUSÃO	48
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

1. INTRODUÇÃO

A participação do público em meios de comunicação tradicionais como a televisão, o jornal, e o rádio, se caracterizava pela pouca interação entre os veículos e suas respectivas audiências. Em uma representação simplificada, este processo se enquadraria em um modelo no qual um emissor enviaria sua mensagem para uma massa amorfa de receptores passivos.

Entretanto, essa passividade não era absoluta. Os exemplos dos sistemas de enquete por telefone, das participações ao vivo de pessoas da audiência em programas de rádio e televisão e das seções de cartas de leitores presentes em jornais e revistas demonstram que, ocasionalmente, a comunicação de via única permitia algum tipo de abertura.

O problema é que tais formas de participação eram insuficientes para satisfazer aos anseios de inclusão dos demais espectadores, leitores e ouvintes. Os convidados a participar tinham apenas um valor simbólico, pouco representativo em relação a quantidade de pessoas que compunham a audiência. A exclusão da opinião pública massiva ocorreria por falta de tempo, espaço ou questões editoriais.

Contudo, a chegada da internet e sua popularização no final do século XX trouxe um novo modelo de comunicação em que todos os interlocutores seriam emissores e receptores ao mesmo tempo. Além disso, a rede permitiu a troca de mensagens instantâneas e eliminou os limites de tempo e espaço para publicação de conteúdo. Dessa forma, o público da web poderia assistir, ler e ouvir diferentes mídias e interagir imediatamente com os devidos publicadores. O meio digital, portanto, seria mais democrático do que a velha mídia no que se refere a participação dos receptores.

Com base nessa mudança de paradigma entre a mídia e a massa, o presente trabalho se propõe a analisar a participação dos leitores em seções de comentários do site Omelete. No ar desde 2000, a página reúne notícias sobre várias vertentes do entretenimento, do cinema às séries de TV, dos quadrinhos aos games, passando por música, literatura e outros tópicos midiáticos-culturais.

Inicialmente, o Omelete era um site voltado para fãs de quadrinhos, mas ao longo do tempo passou a abordar outros assuntos da cultura pop. Apesar do enfoque dado a outros temas, principalmente o cinema, os fãs de histórias em quadrinhos continuaram a ser frequentadores assíduos do site, visto que o mesmo continuou a disponibilizar conteúdo relacionado a esse universo.

O Omelete foi escolhido como objeto de estudo por se tratar de um site de nicho, bem conhecido pelo autor. Em páginas virtuais com temática específica, no caso, entretenimento, os leitores têm a possibilidade de saber mais sobre assuntos a eles pertinentes, que muitas das vezes não ocupam espaço significativo nos meios de comunicação tradicionais. Logo, acredita-se que o público do Omelete, composto por *nerds* de interesses múltiplos, trará um diferencial ao trabalho, já que seus comentários propiciarão discussões pontuais e particulares, que certamente não poderiam ser averiguadas com propriedade em sites de notícias voltados para o público em geral.

Assim sendo, foram selecionados para análise os comentários de leitores presentes em críticas do site. Todas são textos opinativos sobre adaptações para o cinema de super-heróis dos quadrinhos. Foram escolhidas as críticas dos filmes *Batman: O Cavaleiro das Trevas Ressurge* (2012), *O Homem de Aço* (2013), *Capitão América 2: O Soldado Invernal* (2014) e *O Espetacular Homem-Aranha 2: A Ameaça de Electro* (2014). Dessa forma será possível visualizar embates entre o público-alvo e os críticos e também entre os próprios leitores.

O Omelete disponibiliza um espaço para comentários e discussões de todos os temas apresentados no site, no qual os participantes precisam respeitar e seguir certas regras pré-determinadas pela moderação. Logo, será esmiuçado esse espaço virtual, que tem suas regras, particularidades e que se torna orgânico graças à colaboração dos leitores que o fazem funcionar, positivando comentários, denunciando postagens ofensivas, e criticando ou apoiando os textos dos críticos e dos demais internautas participantes, em discussões posteriores às críticas dos filmes.

Abrir uma zona de comentários para leitores de um site com um nicho bem definido possibilita a formação de intermináveis debates, enriquecidos pelo conhecimento prévio dos leitores. No caso dos filmes escolhidos para a pesquisa, é conhecido que os personagens, os super-heróis, possuem uma mitologia prévia aos filmes, com origem nos quadrinhos. É de se esperar, portanto, que as adaptações cinematográficas de histórias em quadrinhos dividam opiniões nos comentários.

Assim, o crítico do Omelete poderia em seu texto aprovar um filme, ao passo que o leitor teria a possibilidade de expor uma opinião divergente, ou vice-versa. Logo, a relação dos leitores com as críticas será observada para uma melhor compreensão de como seria o reinado do crítico, uma figura de autoridade e respeito presente nos cadernos culturais, na internet.

Com base no público e na temática dos filmes selecionados também será observado o perfil dos leitores do site e de que forma eles se relacionam em um ambiente virtual, propício a choques de pontos de vista. As prováveis divergências encontradas entre as opiniões dos leitores, poderão também atingir o crítico, porventura questionado nos comentários dos participantes.

Com a pesquisa, pretende-se expor o fim da comunicação unidirecional, de via única, que por muito tempo caracterizou os meios de comunicação da grande mídia. Diferentemente das críticas de cinema publicadas em jornais e revistas, em que o nível de interatividade era baixo, quando não inexistente, na internet os leitores poderiam se expressar livremente a respeito do texto lido e do filme assistido, abrindo-se assim uma possibilidade de reação ao conteúdo consumido e interação com outros que tiveram a mesma experiência.

A proposta é fazer uma análise qualitativa do conteúdo dos comentários dos leitores do Omelete. Desse modo, será possível compreender como se orchestra a interatividade entre pessoas conectadas por um mesmo tema em um ambiente virtual. No caso dos filmes lançados no cinema em 2014 (*Capitão América 2: O Soldado Invernal* e *O Espetacular Homem-Aranha 2: A Ameaça de Electro*) foram selecionados os comentários que se seguiram 30 dias após a data de publicação da crítica. Para compreender porque os demais filmes (*Batman: O Cavaleiro das Trevas Ressurge* e *O Homem de Aço*) apesar de relativamente antigos ainda movimentam a área de comentários, foram vistos os comentários publicados em um período de dez dias. O intuito é encontrar semelhanças e diferenças entre as discussões de cada um dos filmes para entender o funcionamento dessas comunidades formadas na área de comentários.

No primeiro capítulo, a discussão será em torno da crítica e dos críticos de cinema. Serão apresentados um breve histórico da crítica de cinema, definições sobre crítica e qual seria o papel do crítico diante do público. Para construção dos enunciados referentes a crítica foram utilizados textos de Daniel Piza, além de pensamentos de outros profissionais e teóricos da área.

Na segunda parte do trabalho, a internet será analisada como meio de comunicação. Será contada a história do surgimento da internet nos anos 60 até a sua composição nos dias atuais; pontuadas algumas das características da web (instantaneidade, hipertexto, multimídia e interatividade); e também apresentado o teor democrático da rede, quanto a emissão e recepção de conteúdo, neste trabalho exemplificado pelo surgimento dos portais

e blogs. Os principais autores utilizados para ilustrar as características da web foram Pierre Lévy, Manuel Castells, Steven Johnson, Henry Jenkins, dentre outros.

No terceiro capítulo deste estudo será observado o surgimento de ambientes virtuais na rede que promovem a socialização. Para isso, serão vistas definições de comunidades virtuais, nichos, e para exemplificação, será observada a emergência dos cinéfilos da web e dos fãs de quadrinhos. Em destaque, o capítulo apresenta a definição de Castells sobre comunidades virtuais, o conceito de virtual de Lévy, e a teoria da Cauda Longa de Johnson, dentre conceituações de outros autores.

Na parte final serão exibidos os achados no objeto de estudo, os comentários de leitores nas críticas de cinema do site Omelete. A partir de relatos do co-fundador Érico Borgo, será contada a história do site, desde seu início até os dias atuais. Em seguida, será visto como os leitores podem participar das discussões no site e também apresentado o funcionamento da área de comentários, desde as suas regras até as suas particularidades interativas. Logo após, será apresentada a análise dos comentários presentes em quatro filmes baseados em super-heróis de histórias quadrinhos, contando, portanto, com relatos de visitantes extraídos do site Omelete. Por fim, serão evidenciadas características observadas nos comentários publicados nas críticas analisadas, as quais estariam associadas aos leitores, os ditos omelenautas.

2. CRÍTICAS E CRÍTICOS DE CINEMA

A popularização do cinema com o decorrer do tempo proporcionou a análise de filmes por teóricos e profissionais da imprensa. A história da crítica comum e da especializada, as definições do termo “crítica”, e os questionamentos sobre o papel do crítico de cinema perante o público, ajudam a entender a importância destas análises.

2.1. Breve história da crítica de cinema

A crítica cultural contemporânea é realizada a partir da análise de diversas plataformas de manifestações artísticas, tais quais produções literárias, séries de televisão, jogos de videogame, filmes, músicas, dentre outras. Nos deteremos na crítica cinematográfica, mas, antes disso, é preciso fazer um adendo sobre a história da crítica de arte, já que os filmes se enquadram nesta categoria.

As obras de arte já eram avaliadas, submetidas a críticas e vistas como patrimônio cultural da sociedade na Antiguidade Grega. No entanto, somente entre os séculos XVII e XVIII, com a disseminação das artes, profissionalização dos artistas e formação de um público consumidor, que a figura do crítico estabeleceu-se no campo das artes, ditando valores e critérios de avaliação, como aponta Daniel Piza:

O jornalismo cultural, dedicado à avaliação de ideias, valores e artes, é produto de uma era que se inicia depois do Renascimento, quando as máquinas começam a transformar a economia, a imprensa já tinha sido inventada (por Gutemberg em 1450) e o Humanismo se propaga da Itália para toda a Europa, influenciando o teatro de Shakespeare na Inglaterra e a filosofia de Montaigne na França. (PIZA, 2011, p. 12)

O crítico de artes deste período tinha a função de manifestar o apelo ao bom gosto para o seu público. Ele era visto como “um guia que poderia aferir maior ou menor qualidade à obra de arte, ou mesmo averiguar seu caráter artístico de modo que isto implicitamente revelava a própria função do crítico, isto é, ser um pedagogo da sensibilidade” (GOMES, 2006, p. 1). Ou seja, os críticos orientavam os sentimentos da sua audiência perante às artes, de acordo com seus apontamentos.

A crítica de arte se torna acadêmica no início do século XX, privilegiando uma abordagem mais analista, interpretativa e elitista, distante do juízo, da avaliação e

principalmente do leitor comum, à margem das universidades. Entretanto, esta mesma crítica restrita, dado o seu distanciamento do público em geral, provocou uma demanda, abrindo caminho para uma maneira mais jornalística de se criticar, com textos voltados para um público mais abrangente do que a Academia.

De acordo com Giulio Carlo Argan, a crítica desempenharia um importante papel na afirmação da arte:

O alto grau de especialização e o peso cultural cada vez maior da crítica de arte, na segunda metade do século passado e especialmente no nosso, demonstram que esta responde a uma necessidade objetiva e não pode ser considerada uma atividade secundária ou auxiliar relativamente a própria arte. É efetivamente impossível entender o sentido e o alcance dos fatos e dos movimentos artísticos contemporâneos sem ter em conta a literatura crítica que a eles se refere. (ARGAN, 1988, p. 127-128)

Além disso, Argan afirma que a crítica desempenharia uma função mediadora, criando uma ponte no vazio entre o público e os artistas. Esta mediação se faria necessária quando se deseja que a arte tenha um alcance amplo, em toda sociedade. Segundo o autor, a crítica ofereceria “uma interpretação ‘justa’ ou até mesmo científica das obras de arte, a qual seria válida para todos, sem distinção de classes” (ARGAN, 1988, p, 128).

A história da crítica cinematográfica tem origens no começo do século XX, quando críticos, como Louis Delluc, Riccioto Canudo e Siegfried Kracauer, escreviam para publicações voltadas para amantes de filmes. Os primeiros periódicos eram corporativos profissionais. Só no final da década de 1910 que eles também se encarregaram de promover o cinema.

Tais autores escreviam com o objetivo de estabelecer o cinema como arte, já que na época os filmes eram, vistos como espetáculos de entretenimento da cultura de massa, em oposição à cultura da elite, sendo assim desprezados pelos intelectuais. Contudo, este preconceito acabou sendo derrubado:

Posteriormente, quando o cinema ganha certo respeito no campo das artes, a atividade da crítica de filmes e a própria teoria do cinema se viram vinculadas aos sistemas referenciais interpretativos das disciplinas humanísticas, sobretudo da literatura. Com efeito, em meados do século XX os múltiplos enfoques dados aos estudos literários foram também transferidos para a crítica de cinema e, diga-se, não somente a chamada crítica acadêmica como também a crítica comum de filmes, naturalmente parte deste horizonte histórico. (GOMES, 2006, p. 1.)

O trecho evidencia que o cinema havia conquistado o status de sétima arte (depois da arquitetura, pintura, escultura, música, literatura e teatro), pois em sua análise foram introjetados métodos que os defensores da alta cultura utilizavam ao fazer suas críticas de

objetos culturais de áreas artísticas mais estabelecidas e respeitadas, como a literatura. Além disso, os filmes por caírem no gosto popular também foram analisados através das críticas comuns de filmes, publicadas nos periódicos. Não podia ser diferente já que o cinema foi o principal meio de comunicação em massa que divulgava arte, nas décadas de 20, 30 e 40 do século XX. Nesse contexto, como lembra Piza, “as revistas culturais se multiplicaram a partir dos anos 20 e as seções culturais da grande imprensa diária ou semanal se tornaram obrigatórias a partir dos anos 50” (2011, p. 43), acompanhando, segundo o autor, a ampliação da “indústria cultural”, expressão criada pelos teóricos da escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer.

Para Adorno e Horkheimer (2009), a indústria cultural transformaria a arte, aonde o cinema se insere, em objeto de consumo. Além disso, esse sistema incorporaria nas pessoas a necessidade de consumo de mercadorias culturais, como os filmes, de forma passiva e acrítica. Para esses pensadores, a intenção da indústria cultural não seria promover conhecimento, mas sim alienar a massa e garantir a hegemonia das classes dominantes.

Walter Benjamim (1985), utiliza o cinema como exemplo em diversas oportunidades, para se referir a respeito da reprodução das obras de arte. O cinema é um meio de comunicação com capacidade de transmitir um mesmo conteúdo diversas vezes e em diferentes localidades, e cuja finalidade desde seu surgimento foi a exibição de filmes em série para serem consumidos em massa. Para Benjamim (1985), com a reprodutibilidade técnica, a obra de arte emancipou-se do ritual. Antes, as obras de arte tinham um aspecto ritualístico enorme apreciadas por poucas pessoas. Com a chegada da reprodutibilidade técnica o valor de culto dá lugar ao valor de exposição. Neste processo, a arte então perderia a sua “aura”, isto é, sua capacidade de ser única.

Segundo Aumont e Marie (2006) a arte, no que se refere ao cinema, possui três definições: uma institucional, que traz reconhecimento artístico a uma obra aprovada por uma instituição qualificada; uma intencional que qualifica como arte às obras elaboradas por um artista; e uma estética, que relaciona o valor artístico com a capacidade de causar sensações particulares. Reivindicando o status de arte, o cinema mostrava o caráter arbitrário destas definições. O objetivo fora alcançado, visto que até hoje, independentemente de sua qualidade, todo filme é visto como arte.

Com o término da Segunda Guerra Mundial, surgiram diversas revistas especializadas em cinema, principalmente na França, na Inglaterra, e nos Estados Unidos. Estas publicações deixaram um legado para a crítica de cinema mundial. Elas criaram escolas que se

propuseram a afirmar gostos e estéticas, ao fazer análises por meio de ensaios detalhados, além de buscar reconhecer significados implícitos dos filmes. Um exemplo é a revista francesa *Cahiers du cinema*, publicação mensal fundada em 1951 por André Bazin, Jacques Doniol-Valcroze e Lo Duca. A publicação acolheu várias correntes críticas, sempre com uma preocupação teórica notável.

Entretanto, a linha seguida por estas revistas especializadas, não se manifestava nos jornais e revistas populares do período, nos quais a abordagem adotada era a da cobertura dos filmes para grandes audiências, o dito “cinema de atrações”, como explica Gomes:

Entre fins do século XIX e início do século XX estes espetáculos eram considerados como ‘notícias de valor’ e os repórteres tinham a função de cobri-los como qualquer outra notícia. Na verdade, a então chamada crítica era uma mistura de reportagem que descrevia o evento em termos factuais e de resenha que aconselhava o leitor sobre o valor do filme. Segundo Bywater (198, p.5-6), a ênfase era colocada na palavra valor uma vez que os resenhistas/jornalistas deveriam informar se valeria ou não a pena gastar certa quantia de dinheiro pelo visionamento da película, critério, aliás, vigente até os dias de hoje pelos críticos. (GOMES, 2006, p. 2)

O importante de se notar é que quando os filmes começaram a se popularizar, com o desenvolvimento de Hollywood e o surgimento do cinema falado, apesar das resenhas publicadas nas publicações populares, surgiram também críticas mais ricas e analistas nas revistas especializadas, legitimando os filmes como arte, digna de uma análise mais aprofundada.

2.2. O que é crítica?

O senso comum frequentemente relaciona às críticas de cinema a alguns elementos intrínsecos tais quais o título, o elenco, o gênero, as cifras de bilheteria, além de sistemas de classificação, que segundo uma escala, indicariam se o filme é bom ou não. De acordo com o jornalista Arthur Nastrovski, este último elemento não constituiria uma crítica:

Essa classificação de estrelinhas e bonequinhos, que vemos por aí, não pode ser considerada crítica, é apenas o que eu chamo de 'bate-papo da esquina glorificado'. É mais uma avaliação de mercado do que, efetivamente, um texto crítico.¹

¹ O que é crítica afinal? Disponível em: <<http://bit.ly/1wv28AC>> Acesso em: 09/09/2014.

A crítica desempenha um importante papel no jornalismo cultural. Ela está presente em diversos meios de comunicação como jornais, revistas, televisão e na internet. Variados tipos de produtos artísticos-culturais tais quais livros, filmes e séries são submetidos a críticas. Mas afinal o que é crítica? Vejamos uma definição:

A crítica é o exercício que consiste em examinar uma obra para determinar seu valor em relação a um fim (a verdade, a beleza, etc.). Falou-se da crítica objetiva ou subjetiva, conforme a escala de valores à qual se relaciona a obra julgada seja ou não independente daquele que julga. Pode-se também distinguir uma crítica externa (que relaciona a obra a seu contexto de produção e de recepção) e uma crítica interna (dita, às vezes, imanente, que examina a obra em si mesma. Por extensão, o termo designa também os próprios julgamentos e comentários, além da pessoa que se entrega a crítica. (AUMONT & MARIE, 2006, p. 68-69)

O imaginário popular geralmente associa a palavra crítica a um sentido negativo, relacionado ao apontamento de defeitos. No entanto, um crítico tem uma função que vai além de exclusivamente tecer comentários negativos sobre uma obra. No sentido etimológico, “o termo crítica tem sua origem no verbo grego *krinein*, que significa ‘separar para distinguir’” (PEREIRA & COSTA, 2004, p. 3). Ou seja, a palavra está associada às ideias de comentário, escolha e separação. Deste modo, os críticos cumpririam o papel de avaliar as obras de arte, segundo seus critérios subjetivos, com o intuito de orientar, da melhor forma possível, o consumo do seu público, extraindo da obra os seus pontos altos e baixos. Logo, criticar não é apenas apontar falhas:

A palavra crítica guarda a dupla significação de negatividade e positividade. Dela, no entanto, tem-se ressaltado, ao longo dos anos, o sentido negativo, com o qual a empregamos comumente. Criticar passou a ser um ato de depreciação, que se limita a julgar negativamente, apontando erros ou lacunas. Essa atitude embora persistente não corresponde nem à etimologia, nem à origem histórica da palavra, tampouco ao desempenho da crítica. (SAMUEL, 1985, p. 91).

A crítica teria assim uma dupla função de informar o público e avaliar o produto cultural, diferindo da análise cujo objetivo é esclarecer o funcionamento e propor uma interpretação da obra de arte. De acordo com Piza (2011), um bom texto crítico deve ter todas as características de um bom texto jornalístico (clareza, coerência, agilidade); informar a história da obra; analisar a obra de modo sintético, mas sutil; e por último, ter a capacidade de ir além do objeto analisado, usando-o para a leitura de um aspecto da realidade. Segundo o autor, esta última característica serviria para diferenciar o texto crítico da resenha. Daí a

importância da boa crítica, que além de informar, estimula o pensamento de assuntos periféricos que o público, no primeiro momento, não havia pensado ao consumir a obra.

Para Piza (2011), uma boa resenha deve buscar uma combinação entre sinceridade, objetividade, preocupação com o autor e o tema, além de ser ela mesmo uma peça cultural, que possa ser apreciada pelo leitor de forma prazerosa. O autor destaca a existência de diferentes tipos de resenha como as impressionistas, que servem para descrever as reações imediatas do autor diante da obra; as estruturalistas, que se atentam às características da linguagem da obra; as resenhas que focam mais no autor do que em sua obra; e as que enfocam mais o tema do que a obra.

De acordo com Carvalho (2013), a separação entre resenha e crítica se daria pelo aprofundamento. A crítica seria uma análise especializada mais profunda, sedimentada em julgamentos estéticos, geralmente escrita por intelectuais para fins acadêmicos. Tal atividade quando exercida por um jornalista, sem profundidade e voltada para o consumo popular, se caracterizaria como uma resenha, termo adaptado do *review* norte-americano, caracterizado pelo texto breve, um guia para estreias e lançamentos de produtos culturais. Para Carvalho, o que uniria a crítica cinematográfica com a resenha seria a característica opinativa, presente em ambos os textos.

2.3. O papel do crítico

Um crítico de cinema escreve críticas sobre filmes, textos opinativos e subjetivos no qual são expressadas suas ideias e avaliações. Para o leitor, ele seria um guia, um conhecedor informado sobre o filme, uma figura de confiança que transmitiria autoridade e credibilidade; alguém capaz de discernir com propriedade a respeito da qualidade das produções cinematográficas. Em outras palavras, o crítico seria um formador de opinião situado entre a audiência e os filmes, como esclarece o jornalista Carlos Alberto Mattos:

A função do crítico é mediar o cinema com o seu público, estimulando no segundo o gosto pelo primeiro. O crítico deve transmitir informações capazes de levar o público a formar sua própria opinião sobre o filme; deve analisar aspectos relevantes da obra, acenando não com uma verdade, mas com uma visão abalizada. É um espectador atento e dedicado, conhecedor das tendências do momento mas sem a elas se submeter.²

² Ser um crítico de cinema. Disponível em: <<http://bit.ly/10SoqR7>> Acesso em: 11/09/2014.

Além de servir como mediador, o crítico de acordo com Piza (2011), ajudaria ao leitor a enxergar aspectos despercebidos pelos espectadores dos filmes. Dessa maneira, a crítica tornaria a experiência mais enriquecedora, a nível de conhecimento. Um claro exemplo ocorre quando uma crítica aponta *eastereggs*³, em um primeiro momento, imperceptíveis para o público, mas não para o olhar atento do crítico. Logo, além de emitir opinião, o crítico teria um papel pedagógico ao orientar a atenção dos leitores

O crítico musical e professor Arthur Dapieve aponta que um dos equívocos cometidos por críticos seria analisar só o produto, olhando somente a “arte pela arte”, negligenciando o entorno, como se seu tempo e espaço fossem indefinidos.⁴ De acordo com Dapieve, seria necessário contextualizar, mostrando que a origem da mercadoria cultural pode ter um significado relevante para a época e lugar em que é produzida.

Outro erro comum e, talvez, o mais associado a críticos pelas pessoas de um modo geral seria o de se estabelecerem como donos da verdade. Um crítico não deve se colocar acima do objeto de análise, pois atribuir superioridade a si mesmo gera antipatia do público. A opinião de nenhum crítico deve ser considerada como absoluta; ela seria apenas um ponto de vista individual, entre tantos outros. Adorno faz duras críticas a estes profissionais:

Ocupando habilmente as lacunas e adquirindo, com a expansão da imprensa, uma maior influência, os críticos acabaram alcançando exatamente aquela autoridade que a sua profissão pretensamente já pressupunha. Sua arrogância provém do fato de que, nas formas da sociedade concorrencial, onde todo ser é meramente um ser para outro, até mesmo o próprio crítico passa a ser medido apenas segundo seu êxito no mercado, ou seja, na medida em que ele exerce a crítica. O conhecimento efetivo dos temas não era primordial, mas sempre um produto secundário, e quanto mais falta ao crítico esse conhecimento, tanto mais essa carência passa a ser cuidadosamente substituída pelo eruditismo e pelo conformismo. (ADORNO, 2009, p. 46)

De acordo com Adorno (2009), os críticos utilizariam seu prestígio adquirido na sociedade para expressar opiniões, como se elas representassem a objetividade. Além disso, o autor acusa os críticos de usarem, sob a tutela da liberdade de imprensa, seus espaços de comentário para disseminação de tolices e mentiras, muitas das vezes, rebaixando-se ao papel de propagandistas ou censores das obras avaliadas. Piza também ressalta a má fama dos críticos:

³ O termo “easteregg” significa ovo de páscoa, em inglês, mas também é o nome dado a segredos escondidos em programas, filmes, sites ou jogos eletrônicos.

⁴ O Jornalismo Cultural e a Crítica de Arte - Colóquio Rumos Jornalismo Cultural (2007). Disponível em: <<http://bit.ly/1x0QcZ2>> Acesso em: 11/09/2014.

O crítico tem uma imagem muito ruim, especialmente em países como o Brasil. Para muitos é um criador frustrado, que aponta erros que ele mesmo cometeria se estivesse do outro lado. É chato, ressentido. No máximo deveria servir como um espectador bem informado que não opina, apenas apresenta uma obra ao leitor. (PIZA, 2011, p. 77)

Segundo o autor, um bom crítico deveria saber argumentar em defesa de suas escolhas, fugindo do mero juízo de valor, situando os objetos de análise na perspectiva artística e histórica. O importante seria ter fundamentos. O escritor e crítico literário Machado de Assis defende que um crítico deve organizar suas ideias com coerência e ser independente para emitir opiniões com propriedade:

Não compreendo o crítico sem consciência. A ciência e a consciência, eis as duas condições principais para exercer a crítica. A crítica útil e verdadeira será aquela que, em vez de modelar as suas sentenças por um interesse, quer seja o interesse do ódio, quer o da adulação ou da simpatia, procure produzir unicamente os juízos da sua consciência. Ela deve ser sincera, sob pena de ser nula. Não lhe é dado defender nem os seus interesses pessoais, nem os alheios, mas somente a sua convicção, e a sua convicção, deve formar-se tão pura e tão alta, que não sofra a ação das circunstâncias externas. Pouco lhe deve importar as simpatias ou antipatias dos outros; um sorriso complacente, se pode ser recebido e retribuído com outro, não deve determinar, como a espada de Breno, o peso da balança; acima de tudo, dos sorrisos e das desatenções, está o dever de dizer a verdade, e em caso de dúvida, antes calá-la, que negá-la.⁵

Independente do setor de atuação, o crítico precisa estar qualificado para exercer essa função, pois formar opinião é uma grande responsabilidade. Para o crítico de cinema Pablo Villaça, no que se refere a sua área, seria importante ter uma formação sólida teórica, assistir muitos filmes e continuar estudando em um aprendizado constante.⁶ Além das diferentes formas de conhecimento apontados por Villaça, um crítico não pode deixar de ter uma qualificação técnica básica, o que jornalisticamente significaria uma escrita coerente, coesa e com equilíbrio entre informação e opinião.

Um crítico exerce sua influência sobre seus leitores, condicionando posicionamentos. Tal persuasão só ocorreria com a permissão do público, que aceitaria o crítico como uma autoridade. Porém, até mesmo críticos detentores de credibilidade pujante não estariam imunes a opiniões contrárias, sejam oriundas de colegas de profissão ou de seguidores. A capacidade de influenciar perduraria, mas com dificuldades, de acordo com Piza:

⁵ O ideal do crítico. Disponível em: <<http://bit.ly/13ErH7D>> Acesso em: 12/09/2014.

⁶ Entrevista: Pablo Villaça. Disponível em: <<http://bit.ly/1x0Ua3L>> Acesso em: 12/09/2014.

O jornalismo cultural, dizem os nostálgicos, já não é o mesmo. De fato, nomes como Robert Hughes hoje são mais escassos; revistas culturais ou intelectuais já não têm a mesma influência que tinha antes; críticos parecem definir cada vez menos o sucesso ou fracasso de uma obra ou evento; há na grande imprensa um forte domínio de assuntos como celebridades e um rebaixamento geral dos critérios de avaliação dos produtos. (PIZA, 2011, p. 31)

Exatamente neste contexto apresentado pelo autor que os críticos de cinema atuam hoje nos meios de comunicação. Além da invasão de matérias sobre celebridades, apontada por Piza, que restringiria ainda mais o curto e, por vezes, raro espaço que a crítica tem em publicações como jornais, convém lembrar que os críticos recebem um número considerável de obras para análise, visto que os filmes são mercadorias da indústria cultural, produzidas em série para consumo. A sequência de lançamentos obrigaria os profissionais a filtrarem os filmes que seriam por eles analisados. Contudo, ao menos a questão de espaço para a crítica especializada pode ser vista com esperança, graças as possibilidades que a internet promove quanto a gestão de conteúdo.

3. INTERNET E CONTEÚDO

A internet é um meio de comunicação que faz parte do cotidiano do século XXI. Ela está presente nos lares, nas escolas, nos trabalhos e em outros ambientes. O presente capítulo conta brevemente a história da internet, faz um recorte de algumas de suas características e enaltece a web como um local de produção e consumo de conteúdos diversos.

3.1. O surgimento da internet

A rede mundial de computadores originou-se no período da Guerra Fria, quando o mundo estava polarizado entre dois blocos político-ideológicos liderados por Estados Unidos e União Soviética. A internet nasceu na Agência de Projetos de Pesquisa Avançada⁷ (ARPA) do Departamento de Defesa dos EUA, sob orientação militar. A agência desenvolvia diversas pesquisas para rivalizar com os cientistas soviéticos na corrida tecnológica.

Paul Baran desenvolveu no início da década de 1960 na RAND Corporation o conceito de uma rede de comunicação descentralizada, invulnerável a ataques nucleares, que utilizava a tecnologia de comutação por pacote. Tratava-se de um sistema flexível, independente de centro de comando, com poder computacional distribuído através de nós, e redundância de funções na rede.

Em 1969 surgiu a primeira rede de computadores: a Arpanet, nomeada assim em homenagem a ARPA, sua criadora. No início, quatro centros de pesquisas faziam parte do sistema: a Universidade da Califórnia, em Los Angeles; o Stanford Research Institute; a Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara; e a Universidade de Utah. A Arpanet era aberta aos centros de pesquisa colaboradores do Departamento de Defesa dos EUA.

A rede era utilizada para fins militares, assuntos de teor científico e também conversas pessoais. Em 1983, a coexistência no sistema entre militares e cientistas encerrou-se: a Arpanet foi dividida entre Arpa-Internet, voltada para finalidades científicas, e Milnet, utilizada para aplicações militares. Com o tempo, outras redes foram surgindo em torno da Arpa-Internet, que depois veio a se chamar apenas de internet.

⁷ Em inglês, Advanced Research Projects Agency.

A Arpanet encerrou suas atividades em 1990. A tecnologia desenvolvida com recursos militares acabou tornando-se disponível para uso civil. Ao se tornar privatizada, em meados dos anos 1990, a internet não contava com nenhuma autoridade definida e absoluta, como nos tempos em que pertencia ao departamento de defesa do governo norte-americano.

Em 1990, no CERN (Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear) o programador inglês Tim Berners-Lee desenvolveu o aplicativo WWW (*World Wide Web*⁸) que organizava o teor dos sítios por informação e não localização, facilitando as pesquisas para os usuários da rede. O software de navegação foi lançado gratuitamente pelo CERN na web em 1991 e assim, dando continuidade, os primeiros sites foram criados por diversos centros de pesquisa científica do mundo inteiro.

No começo da década de 1990 muitos provedores iniciaram a montagem de suas redes. Foi a partir daí que a internet começou a crescer e ficar do jeito como a conhecemos atualmente. O primeiro navegador confiável disponibilizado aos internautas foi o Netscape Navigator, lançado em 1994. Logo em seguida, surgiram novos mecanismos de pesquisa, ou navegadores comerciais⁹. A Microsoft, por exemplo, em 1995 lançou o seu navegador, o Internet Explorer, junto com seu sistema operacional, o Windows 95.

Em meados de 1990 a internet já estava privatizada, aberta ao mundo todo, e seus internautas já dispunham de uma variedade de navegadores para se adentrar neste novo mundo cibernético. Atualmente, cerca de 2,8 bilhões de pessoas¹⁰ utilizam a web ao redor do mundo. Este número evidencia o quão enraizado este meio de comunicação se encontra na sociedade.

3.2. Características do meio

A internet se estabelece como um conjunto de redes de computadores interligados pelo mundo inteiro. Este meio, diferente dos antecessores, permite pela primeira vez a comunicação de muitos com muitos, em que todos os seus participantes são emissores e receptores ao mesmo. No ambiente virtual, pessoas, empresas e instituições podem buscar diferentes maneiras de se relacionar entre si. A rede possui uma quantidade considerável de

⁸ “Rede de alcance mundial”, em uma tradução literal.

⁹ Também conhecido pelos termos em inglês *web browser*, ou simplesmente, *browser*.

¹⁰ World internet usage and population statistics. Disponível em: <<http://bit.ly/JNZ65e>> Acesso em: 06/10/2014.

características. Neste estudo, nos deteremos à análise de quatro, referentes à gestão de conteúdo na web: a instantaneidade, o hipertexto, a multimídia e a interatividade.

3.2.1. Instantaneidade

A internet é um meio de atualizações constantes, em que a emissão e a recepção de mensagens ocorrem de forma imediata, acelerando processos comunicacionais. A rapidez do envio e recebimento de mensagens por e-mail está aí para exemplificar isto. O correio eletrônico em relação ao seu irmão mais velho, o correio, além de veloz, é gratuito. Apesar dos benefícios, a instantaneidade na web permitiria a ocasional publicação de informações levemente, sem atestação de veracidade. No âmbito jornalístico, este imediatismo pode ocasionar problemas, como afirma a jornalista Clarice Pereira:

Primeiramente, devemos levar em conta que o imediatismo da web dificulta a apuração profunda dos fatos, e, assim, as chances de que as notícias divulgadas sejam imprecisas é bem maior. Hoje, com a facilidade que qualquer pessoa tem para espalhar boatos na Internet, as informações divulgadas podem ser inverídicas e, com isso, gerar muita confusão nas cabeças do internauta. Para os jornalistas profissionais, o cuidado ao transmitir as notícias na web passou a ser redobrado, pois a velocidade digital, acompanhada pela ambição do “furo de reportagem” aumenta ainda mais a chance de serem divulgadas notícias falsas por blogs e meios digitais de pouca confiança.¹¹

A internet acelera a comunicação, mas os produtores de conteúdo devem administrar essa rapidez com sabedoria. É preciso apurar corretamente informações, evitando o impulso de divulgar primeiro que o concorrente, pois a imprecisão gera o erro: a desinformação. No entanto, é necessário fazer uma ressalva: se nos jornais impressos, por questões técnicas do meio, a errata só podia ser publicada no dia seguinte, na internet, a correção pode ser feita imediatamente, em questões de segundos. Em muitos casos, as notícias na web indicam as datas e horários em que foram modificadas pela última vez, o que evidencia a atualização constante.

Pereira também aponta a abundância de informações como outro problema-consequência da instantaneidade. Dada a facilidade de publicar diversos tipos de assuntos, sem limites de espaço, o leitor poderia acabar se perdendo em meio a uma avalanche textual, o que afetaria sua capacidade de reflexão sobre o que seria relevante.

¹¹ A internet, o imediatismo e a opinião pública. Disponível em: <<http://bit.ly/1t8SopN>> Acesso: em 07/10/2014.

3.2.2. Hipertexto

Theodore Nelson criou a expressão “hipertexto” na década de 1960 para nomear a ideia de escrita e leitura não linear na informática. O conceito de hipertextualidade havia sido manifestado anteriormente no artigo *As We May Think* (1945) do cientista Vannevar Bush, no qual se anunciava o dispositivo Memex, utilizado para auxiliar a memória e guardar conhecimentos.

O hipertexto se diferenciaria do texto linear, por não apresentar uma hierarquia no que se refere à organização:

A abordagem mais simples do hipertexto é descrevê-lo em oposição a um texto linear, como um texto estruturado em rede. O hipertexto é constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequencias musicais, etc.) e de links entre esses nós, referências, notas, ponteiros, “botões” indicando a passagem de um nó a outro. (LÉVY, 1999, p. 55-56)

Os hipertextos, portanto, estabeleceriam vínculos com a função de direcionar os usuários a novos documentos. Tratam-se dos links, os atalhos que introduzem os internautas a novas páginas na rede. Steve Johnson conceitua os links da seguinte forma:

Como a palavra sugere, um link — um elo, ou vínculo —, é uma maneira de traçar conexões entre coisas, uma maneira de forjar relações semânticas. Na terminologia da linguística, o link desempenha um papel conjuncional, ligando ideias díspares em prosa digital. Isso parece bastante óbvio e, no entanto, por alguma razão, a resposta da crítica à prosa em hipertexto sempre se fixou nos poderes desagregadores do link. No mundo da ficção em hipertexto, a ênfase na fragmentação tem seus méritos. Mas como convenção geral de interface, o link deveria ser compreendido em geral como um recurso sintético, uma ferramenta que une múltiplos elementos num mesmo tipo de unidade ordenada. (JOHNSON, 2001, p. 106-107)

Embora a ideia de hipertexto, à primeira vista, possa aparentar ter uma ligação estreita com os sistemas de informática, o conceito também pode ser usado para se referir a outros tipos de suporte. As referências bibliográficas utilizadas neste trabalho, por exemplo, se constituiriam em forma de hipertexto, já que estabelecem ligações com outras leituras complementares. Assim como na internet, a decisão de acessar ou não tais textos para aprofundamento ficaria por conta do leitor. Contudo, é inegável que o suporte digital proporciona mais rapidez na transição de um texto para outro.

Johnson (2001) propõe uma diferenciação entre surfe de canais e surfe na web. O primeiro, relacionado a transição de canais na televisão através do controle remoto, se caracterizaria como uma ação movida pelo tédio. Na falta de uma grade de programação interessante em um canal, o espectador o pularia para chegar a outro, consecutivamente, até encontrar algo de seu agrado. Já na web, o internauta transitaria entre links, de forma mais ativa, com o intuito de se informar, aprofundar e aprender mais.

Trata-se de uma mudança de comportamento espetacular que o hipertexto proporciona na internet. Na rede, o leitor se tornaria o autor do seu próprio texto, uma trilha estabelecida de acordo com as conexões feitas pelo internauta, segundo seus interesses. Como afirma Lévy, “com o hipertexto toda leitura é uma escrita em potencial” (1996, p. 46).

Manuel Castells defende que o hipertexto seria construído por nós e não pelas facilidades que os dispositivos eletrônicos proporcionam:

O hipertexto está dentro de nós, ou antes, está na nossa capacidade interior de recombinar e atribuir sentido de nossas mentes a todos os componentes do hipertexto que estão distribuídos em muitas diferentes esferas de expressão cultural. A Internet nos permite fazer precisamente isto. (CASTELLS, 2003, p. 166)

Desse modo, segundo o autor, a multimídia não executaria o papel de recombinar significados textuais, mais sim nós, os usuários das facilidades tecnológicas oferecidas pela internet como meio de comunicação.

3.2.3. Multimídia

Para Lévy (1999) o termo multimídia significaria “aquilo que emprega diversos suportes ou diversos veículos de comunicação”. O impresso, o rádio, a televisão e a internet, portanto, seriam exemplos de suportes midiáticos. A multimídia, assim, englobaria a utilização de múltiplos meios de comunicação e seu conteúdo seria contemplado pelos diferentes sentidos do ser humano.

A internet se estabelece como o único canal de comunicação multimídia. Um computador pessoal com acesso à rede mundial de computadores possibilita que o usuário navegue em um mar cibernético com os mais diversificados arquivos de texto, imagem e áudio, em diferentes suportes. É possível ouvir estações de rádio, ler versões digitais dos jornais impressos, assistir filmes, dentre outras aplicações.

Quando estes diferentes tipos de mídias são combinados ocorreria o fenômeno da convergência, assim definidos por Henry Jenkins:

Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2009, p. 27)

A migração entre mídias seria executada pelo público de forma rápida e dinâmica. No entanto, apesar do caráter multimídia da web, nem sempre os produtores de conteúdo escolheriam ou teriam capacidade de integrar as variadas vertentes dos meios de comunicação em suas páginas virtuais.

De acordo com Jenkins (2009), a convergência não deveria ser vista apenas como um processo tecnológico que aglutina múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Para o autor, a convergência promoveria uma transformação cultural, visto que os consumidores se veriam obrigados a buscar informações e conectá-las em meio a tantas outras dispersas.

3.2.4. Interatividade

De acordo com uma das definições do verbete “interativo” no Dicionário Michaelis¹², o termo se relacionaria ao sistema multimídia, “em que um usuário pode executar um comando e o programa responde, ou controlar ações e a forma como o programa funciona”. Tal significado remete a visão que se faz comumente sobre a interatividade, cujo uso quase sempre estaria vinculado às novas tecnologias de informação, nas ditas relações entre homem e máquina. Para Lévy (1999), o termo interatividade, em geral, ressaltaria a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação. Segundo Marcos Silva, o conceito de interatividade é recente, posterior ao de interação:

O conceito de interação vem de longe. Na física refere-se ao comportamento de partículas cujo movimento é alterado pelo movimento de outras partículas. Em sociologia e psicologia social a premissa é: nenhuma ação humana ou social existe separada da interação. O conceito de interação social foi usado pelos interacionistas a partir do início do século XX. Designa a influência recíproca dos atos de pessoas ou grupos. Um desdobramento dessa corrente é o interacionismo simbólico que estudou a interação entre indivíduos e instituições no sentido de verificar como são coagidos por elas e de como buscam transcender essa coação. (SILVA, 1998, p.1)

¹² Significado de “interativo”. Disponível em: <<http://bit.ly/1s0CkWE>> Acesso em: 08/10/2014.

De fato, a interação refere-se a uma ação humana e da própria natureza em geral, algo que vai muito além do mero relacionamento com as máquinas. Logo seria errôneo associar interatividade somente à web. Na verdade, até outros meios mais antigos como o telefone, que permite o diálogo, a reciprocidade e a comunicação seriam interativos. Porém o enfoque neste estudo é a interatividade que acontece na rede mundial de computadores, através de chats, fóruns de discussão, sites, zonas de comentários e outros espaços, como apontados por Antonio Carlos Xavier:

A internet oferta à relação homem/máquina uma infinidade de atividades síncronas (chats, teleconferências) e assíncronas (e-fóruns, e-mails, sites de relacionamentos), complexificando muito mais a interatividade anterior com outras máquinas eletrônicas e até mesmo digitais em sua versão mais antiga. (XAVIER, 2013, p. 36)

Alex Primo (2007) denuncia a banalização do termo interatividade, utilizado levemente com frequência em slogans e campanhas de marketing dos mais variados produtos. Para o autor, diferenciar interação de interatividade seria uma cilada para os pesquisadores. Silva expressa-se sobre essa incapacidade de distinção da seguinte maneira:

De modo geral autores, artistas e tecnólogos não têm feito diferença entre interação e interatividade. E há os que dizem que interação refere-se a relações humanas, enquanto interatividade está restrita à relação homem-máquina (tecnologias, equipamentos, sistemas, no sentido do sistema hipertextual, da tecnologia informática). Em princípio não aceito tal posição. A interatividade está na disposição ou predisposição para mais interação, para uma hiper-interação, para bidirecionalidade (fusão emissão-recepção), para participação e intervenção. Digo isso porque um indivíduo pode se predispor a uma relação hipertextual com outro indivíduo. (SILVA, 1998, p. 1)

Interatividade portanto envolveria troca, envolvimento, uma ação de influência mútua. Ao passo que os meios tradicionais de comunicação em massa como o jornal, o cinema, a televisão e o rádio estabeleceriam-se a partir de um modelo um-todos, em que a mesma fonte emitia uma mensagem igual para vários receptores, a internet propiciaria o modelo de todos-todos. Assim, todos estariam interagindo, sendo emissores e receptores ao mesmo tempo.

3.3. Um espaço de emissão e recepção de conteúdo

A internet pode ser vista como um meio de comunicação democrático por permitir que diferentes tipos de emissores tenham voz ativa para compartilhar os seus conhecimentos e

opiniões sobre os mais variados tipos de assunto. Da mesma forma, quem disponibiliza também pode buscar informações, tornando-se receptor de novos saberes fornecidos pela rede:

A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. Nem todos os participantes são criados iguais. Corporações – e mesmo indivíduos dentro das corporações da mídia – ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores. E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros. (JENKINS, 2009, p. 28.)

Como indicado pelo autor, apesar da coexistência de variados emissores, alguns usuários exerceriam mais influência do que outros na web. Para exemplificar o uso da internet por diferentes tipos de produtores de mídia serão utilizados os portais, representantes dos grandes conglomerados de comunicação e os blogs, relacionados a autores amadores e independentes.

3.3.1. Portais

Os embriões dos portais foram os mecanismos de busca criados na década de 1990 com a finalidade de localizar informações na web. Os ditos buscadores, como o Yahoo¹³, passaram a incluir categorias para abrigar documentos de acordo com o tipo de conteúdo (esporte, cultura, política, etc). Em seguida, foram incluídas novas funções como chats e comunidades virtuais. A ampliação de utilidades dos mecanismos de busca deu origem aos portais.

O portal é o ponto de partida do internauta para a construção de seu próprio hipertexto, mas, em contraponto, centraliza em um só local diversas ramificações de informação. Isso seria feito para que o usuário não visitasse outros sites, permanecendo no portal por causa da sua cobertura abrangente sobre variados assuntos.

Suzana Barbosa (2003) aponta que em relação ao jornalismo, o formato de portal proporcionaria mais dinamismo as notícias, atualização contínua, textos fragmentados e sem limitações quanto ao espaço. Os recursos multimídia também seriam amplamente utilizados

¹³ Endereço: www.yahoo.com.

através de gráficos, tabelas, áudios, vídeos, imagens, que complementaríamos a leitura. Além disso, os portais, alimentados por variadas fontes de informações, como agências de notícias e sites parceiros, enriqueceriam ainda mais a experiência do usuário, dada a emissão de produtos jornalísticos de diferentes fontes no mesmo espaço.

A autora questiona se os portais seriam uma solução para organizar o fluxo de informações da Internet ou constituíram uma padronização, imposta pelas grandes empresas que os controlam. Por um lado, dada a quantidade enorme de informações presentes na web, mais do que nunca, jornalistas seriam requisitados para filtragem de notícias. Os portais possuem à sua disposição profissionais capacitados para fazer isso. Mas estes veículos estariam sob controle, muitas vezes, pelos velhos conglomerados da mídia tradicional. A esse aspecto Barbosa faz uma ressalva;

Por mais hegemônico que pareça ser o modelo dos portais, a visibilidade deles na Internet não tira do usuário/leitor/internauta o poder de exercer a errância, a navegação livre ou experimentar as sensações de um cyber-flâneur, a não ser que a pessoa prefira a comodidade. Ainda assim, links intertextuais e de assunto relacionados podem remetê-la para fora do portal – além disso, o próprio leitor/usuário pode acionar seu bookmark e acessar outros sítios e conteúdos, se assim o desejar. (IN MACHADO & PALACIOS, 2003, p.177)

Novamente, surge a ideia de hipertexto, que deve ser construído por cada um individualmente. Apesar da hegemonia do modelo de portais, nada impediria que o internauta buscasse novas fontes. Trata-se de uma alternativa a padronização observada nos portais existentes, que muitas das vezes replicam textos idênticos utilizados pelos concorrentes ou fornecidos por assessorias.

3.3.2. Blogs

Jorn Barger concebeu o termo weblog em 1997, para definir o tipo de página em que qualquer pessoa pode escrever sobre assuntos de seu próprio interesse, além de divulgar links da web. A palavra foi alterada por Peter Merholz, para “wee-blog”, e em seguida ela foi encurtada para a expressão que conhecemos atualmente, blog.

A popularização dos blogs ocorreu no final da década de 1990, quando se proliferaram páginas sobre variados assuntos, algumas na temática de diário virtual. Na época, as postagens eram apenas links que levavam os leitores para outros sites.

O trunfo dos blogs é que eles permitiram com que pessoas comuns sem grandes conhecimentos em programação, pudessem criar suas próprias páginas virtuais. Desse modo, através do uso de computadores pessoais e acesso à rede, os internautas obtiveram a possibilidade de ter seu próprio espaço virtual para versar sobre variados temas. Hoje, os serviços oferecidos pelo Blogger¹⁴ e WordPress¹⁵ disponibilizam gratuitamente aos internautas uma interface simples de manusear e gerenciar blogs.

Os blogs podem ser utilizados para diversos objetivos, tanto pessoais, na forma de hobby ou diversão, quanto profissionais, em que o objetivo seria ganhar dinheiro. Atualmente existem diferentes tipos de blogs, como os pessoais, que se propõem a divulgar os pensamentos individuais de seus donos geralmente sobre sua vida privada, como forma de diário; os corporativos, que representam a apropriação das empresas por esta tecnologia para melhorar sua imagem, utilizando muitas das vezes uma linguagem informal para se aproximar do público; e os temáticos, que são voltados a discussão de temas específicos como cinema, música, futebol ou moda.

Apesar da democratização que os blogs da internet proporcionam, seus conteúdos devem ser vistos com certa desconfiança como ressalta Adriana Braga:

Páginas na web são criadas por uma variedade de indivíduos e organizações, tornando indispensável uma avaliação das informações veiculadas quanto à exatidão, autoridade, objetividade, segurança e atualidade por dos (as) que as utilizam. Se a informação na Internet é livre, é também duvidosa. (RODRIGUES, 2009, p. 147.)

Segundo a autora para um blog fazer sucesso seria necessário legitimar seu conteúdo. Braga (2009) apresenta dois processos de obtenção de credibilidade e legitimação de blogs: por público e pelos pares. A legitimação pelo público se vincularia à incidência numérica de pessoas que visitam um blog. Os blogueiros utilizam o número de visitantes, geralmente colocado no alto da página, para indicar sua popularidade e relevância na blogosfera. O perigo dessa forma de legitimação é que ela se deixaria levar pela quantidade de visitantes e não pela qualidade do conteúdo. Muitas vezes são adotadas estratégias discutíveis para atrair público a uma página, como a utilização de palavras-chaves que podem fazer com que determinadas pessoas adentrem em um blog por acidente ao fazer uma busca. Independente do acesso ter se dado por um equívoco, ele continua a ser contabilizado. Já o critério chave

¹⁴ Endereço: www.blogger.com.

¹⁵ Endereço: www.wordpress.com.

da legitimação pelos pares consistiria, segundo a autora, na qualificação de circulação de links, ou seja, como o blog é citado e conectado com outros. Quanto mais blogs famosos fizerem menção a um blog, mais prestigiado ele será. Uma vez conquistado o sucesso na blogosfera, o blogueiro poderia inclusive chamar a atenção dos meios de comunicação de massa, algo que serviria para legitimar ainda mais a relevância de seu conteúdo, de acordo com a lógica de legitimação por pares.

Não se pode esquecer que tanto os portais quanto os blogs se constituem como ambientes de interação entre público e páginas virtuais. A audiência do meio internet busca participar de discussões, interagindo nos espaços destinados a comentários em matérias e postagens. A comunicação pode se estabelecer espontaneamente com a fonte ou entre os próprios leitores, originando debates que enriquecem a história contada ou, até mesmo, se sobressaem a elas.

4. AMBIENTES DE INTERAÇÃO NA WEB

Antes da análise de comentários do Omelete, cabe fazer uma elucidação a respeito das características das comunidades virtuais. As mesmas, por vezes construídas a partir dos interesses em comum dos participantes evidenciariam os nichos na web, aqui exemplificados através dos cinéfilos e dos fãs de quadrinhos.

4.1. Comunidades virtuais

A expressão “comunidade virtual” é anterior à internet, contudo ela popularizou-se após a publicação do livro *Virtual communities* (1993) de Howard Rheingold. O termo seria utilizado para se referir a agrupamentos humanos surgidos no ciberespaço, através da comunicação mediada pelas redes de computadores (RECUERO, 2001).

Segundo Castilho e Fialho, as comunidades virtuais seriam os nós das redes que se interconectam através da internet:

Uma comunidade virtual é formada por indivíduos com algum interesse, vivência ou problema em comum, que se comunicam de forma basicamente não presencial, usando algum tipo de ferramenta midiática para alcançar uma meta coletiva. (IN RODRIGUES, 2009, p. 125)

Tais autores também destacam diferenças entre as comunidades tradicionais as e virtuais. De acordo com Castilho e Fialho (2009), as comunidades tradicionais estariam associadas às seguintes características: sensação de pertencimento; forte sensação de territorialidade; adesão prolongada e estável; ligação estreita entre pertencimento e projeto comum; uso de vários canais de comunicação; e tendência à institucionalização. Já nas comunidades virtuais, os interesses definiriam a adesão; a territorialidade seria quase nula; a adesão seria intermitente, fluida e estável; firmaria-se um projeto comum desvinculado do pertencimento; haveria o estabelecimento de uma comunicação basicamente virtual, mas que poderia também incluir sistemas presenciais; além de uma baixa tendência à institucionalização.

Para Castells (2003), a internet seria eficaz na manutenção de laços fracos, como os existentes nas comunidades de interesse, contudo, apesar das pessoas migrarem para outros grupos, elas permaneceriam no fluxo da rede. O autor menciona a efemeridade das

comunidades on-line, que raramente articulariam as interações na web com interações físicas, e a predominância do individualismo em rede. As redes on-line, quando estabilizadas, segundo Castells (2003), teriam capacidade de formar comunidades virtuais, diferentes das físicas, mas não menos eficazes na criação de laços. Tai redes se ramificariam em inúmeras comunidades especializadas, nas quais as pessoas poderiam participar de várias, ao mesmo tempo:

Uma distinção fundamental na análise da sociabilidade é entre os laços fracos e os laços fortes. A Rede é especialmente apropriada para a geração de laços múltiplos. Os laços fracos são úteis no fornecimento de informações e na abertura de novas oportunidades a baixo custo. A vantagem da Rede é que ela permite a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação, ou mesmo no bloqueio, da comunicação. De fato, tanto *off-line* quanto *on-line*, os laços fracos facilitam a ligação de pessoas com diversas características sociais, expandindo assim a sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do auto-reconhecimento. Nesse sentido, a Internet pode contribuir para a expansão dos vínculos sociais numa sociedade que parece estar passando por uma rápida individualização e uma ruptura cívica. Parece que as comunidades virtuais são mais fortes do que os observadores em geral acreditam. Existem indícios substanciais de solidariedade recíproca na rede, mesmo entre usuários com laços fracos entre si. De fato, a comunicação *on-line* incentiva discussões desinibidas, permitindo assim a sinceridade. O preço porém é o alto índice de mortalidade das amizades *on-line*, pois um palpite infeliz pode ser sancionado pelo clique na desconexão - eterna. (CASTELLS, 1999, p. 445)

De acordo com Lévy (1999) uma comunidade virtual seria construída sobre afinidades de interesses, de forma cooperativa, independente de proximidades físicas. O autor relata que as relações on-line não substituiriam os encontros físicos, mas seriam complementares e que nas comunidades virtuais há uma moral implícita de reciprocidade, em que a reputação dos membros seria construída paulatinamente, de acordo com a competência demonstrada a longo prazo no grupo. Lévy (1999) também destaca o comportamento nas comunidades. Segundo o autor os conflitos seriam inevitáveis, mas repelidos pelos membros e, nos mesmos espaços amizades poderiam florescer, visto que, mesmo com o anonimato, os participantes exibiriam traços de suas personalidades:

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de "não-presente", essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros moveis... ou em parte alguma. A virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas

civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia. (LÉVY, 1996, p. 20-21)

Lévy ressalta que “uma comunidade virtual não é irreal, imaginária ou ilusória, trata-se simplesmente de um coletivo mais ou menos permanente que se organiza por meio do novo correio eletrônico mundial” (1999, p. 130). Tal descrição vai de acordo com o conceito de virtual do autor. No uso corrente a palavra seria usada para indicar ausência de realidade. No entanto, segundo Lévy (1996), o virtual não seria oposto ao real, mas sim ao atual. Sendo assim virtualidade e atualidade (no sentido de atualização) seriam duas maneiras de ser diferentes. O virtual, portanto, se constituiria como uma potência do atual.

Logo, segundo o autor, seria errôneo considerar as comunidades virtuais como imaginárias, pois os acontecimentos que ocorrem nelas produzem efeitos. Lévy (1999) inclusive aponta que a expressão comunidade atual seria mais adequada para se referir as comunidades virtuais, visto que elas promovem contatos efetivos de pessoas no ciberespaço, que antes eram apenas potenciais.

4.2. Nichos

O termo “Cauda Longa” ganhou notoriedade após a publicação de um artigo de Chris Anderson na revista *Wired*, em 2004. A ideia se relacionaria com a economia de abundância, quando entraves entre oferta e demanda desaparecem e tudo se torna disponível a todos.

Segundo Anderson (2006), no passado, por questões econômicas, a indústria do entretenimento focava-se no lançamento de grandes sucessos, por ele chamados de *hits*. Os *hits* predominariam o mercado por causa das limitações do mundo físico, o que diminuiria as opções de mídias para entretenimento, já que não havia espaço suficiente para oferecer tudo a todos. De acordo com o autor, este seria o mundo da escassez. Anderson, no entanto, lembra que as preferências das pessoas podem se afastar das tendências dominantes. Assim, com o advento da internet, poderíamos viver no mundo da abundância. O autor afirma que ainda há demanda para cultura de massa, mas esse mercado hoje competiria com os inúmeros segmentos de nicho, visto que os consumidores exigem cada vez mais opções. A Cauda Longa inseria-se neste contexto:

A teoria da Cauda Longa pode ser resumida nos seguintes termos: nossa cultura e nossa economia estão cada vez mais se afastando do foco em alguns hits relativamente pouco numerosos (produtos e mercados da tendência dominante),

no topo da curva da demanda, e avançando em direção a uma grande quantidade de nichos na parte inferior ou na cauda da curva de demanda. Numa era sem as limitações do espaço físico nas prateleiras e de outros pontos de estrangulamento da distribuição, bens e serviços com alvos estreitos podem ser tão atraentes em termos econômicos quanto os destinados ao grande público. (ANDERSON, 2006, p. 37)

Sendo assim, cada vez mais o mercado de massa estaria se convertendo em massa de nichos, “o mercado invisível tornou-se visível” (ANDERSON, 2006, p. 8). Para Anderson essa massa de nichos sempre existiu, mas só após a diminuição do custo de produtos de nicho para o consumidor que ela se transformou em força cultural, economicamente, considerável. Tal pensamento vai de encontro ao de Ken Doctor que afirma que “na realidade, o que queremos é uma quantidade maior daquilo que nós estamos interessados, mas que outras pessoas poderão achar maçante” (2011, p. 190). De acordo com Doctor (2011), a internet tornaria mais fácil a leitura especializada, que por conseguinte, valorizaria a reportagem especializada. Ou seja, a web facilitaria e recompensaria o soerguimento de canais de comunicação voltados a nichos.

A Cauda Longa seria portanto, segundo Anderson (2006), nada mais do que escolha infinita, visto que os consumidores teriam acesso a uma fartura de produtos. Neste processo, de acordo com o autor, as pessoas migrariam de um meio para outro e ficariam dispersas diante de tantas ofertas: “ao se romper, a cultura de massa não se transforma em outra massa diferente, mas em milhões de microculturas, que coexistem e interagem umas com as outras de maneira extremamente confusa” (2006, p. 124).

4.3. Cibercinéfilos e fãs de quadrinhos

A Antiga Mídia achava que tudo girava em torno das notícias, estreitamente interpretadas. É isso, mas também envolve muito mais coisas. A rede nos proporciona um acesso sem precedente à saúde, ao entretenimento, às viagens, às finanças pessoais, bem como a histórias, ideias, dicas, estatísticas e opiniões na área do lazer. A rede abrange todas as partes da nossa vida. Os jornais e as emissoras sempre trataram superficialmente essas coisas, considerando-as secundárias à sua verdadeira missão, a cobertura dos acontecimentos. A área do “Entretenimento” com frequência tem sido vista como o playground, não onde os verdadeiros jornalistas desejam passar a sua vida profissional. (DOCTOR, 2011, p.118)

O trecho evidencia o privilégio que a Antiga Mídia dava à cobertura dos acontecimentos, em detrimento de outras áreas, como o entretenimento. Contudo, como visto anteriormente, a web promove discussões sobre assuntos diversos e reúne múltiplos nichos

com assuntos que ocupavam pouco espaço nos jornais e emissoras, apesar da existência de público. Através da rede, os descontentes com as coberturas restritas encontraram um espaço ilimitado para se comunicar sobre temas que os interessam. Para exemplificar esta mudança ocorrida na web, serão utilizados, a seguir, os cinéfilos e os fãs de histórias em quadrinhos.

4.3.1. Cibercinéfilos

Resumidamente, a cinefilia seria o amor pelo cinema. Ela teria surgido “bem antes da popularização da internet, quando grupos de pessoas passaram a enxergar o cinema além da mera diversão e espetáculo audiovisual.” (FERDINAND & NICOLAU, 2014, p. 2). Estes aficionados defenderiam o dito cinema de arte.

Rodrigo Carreiro (2009) expõe que o cinema, desde o surgimento da internet seria um dos temas mais discutidos pelos internautas. O autor aponta a emergência dos cibercinéfilos, que seriam nada mais do que uma versão moderna dos antigos cinéfilos, só que agora com a web à disposição para debater e aprender sobre cinema:

O cibercinéfilo busca críticas sobre os filmes não mais em jornais, mas em espaços virtuais mais conhecidos e respeitados dentro dos círculos cinéfilos; websites independentes, sem laços com os grandes conglomerados de mídia clássica, incluindo aí tanto as revistas eletrônicas da vertente profissional da nova crítica quanto os blogs de críticos semi-amadores. Este cibercinéfilo lê comentários sobre os filmes em fóruns de discussão e integra listas de discussão (cujos integrantes trocam e-mails comentando os filmes uns para os outros). Ele cria blogs e divulga através de ferramentas gratuitas existentes na Internet, como Digg e del.icio.us (serviços que divulgam links baseados em notas atribuídas pelos usuários cadastrados nesses serviços). Ele escreve suas próprias críticas e lê aqueles textos escritos por outros cinéfilos. (CARREIRO, 2009. p. 10-11)

O cibercinéfilo utilizaria as tecnologias da informação em rede para obter e compartilhar conhecimentos de diferentes maneiras. O problema da falta de espaço nos cadernos culturais da grande mídia, evidenciado em resenhas de filmes minúsculas publicadas em jornais, não ocorreria na internet, visto que nela, os cibercinéfilos teriam liberdade para expandir suas discussões, através de comentários e críticas independentes. Para Carreiro (2009), esse debate amplo e horizontal constituiria um ato de resistência cultural no ciberespaço.

Se os cinéfilos antigos tinham publicações especializadas, os cibercinéfilos têm toda a web para explorar conhecimentos. É possível buscar informações sobre filmes sem custo,

através de sites como o IMDb¹⁶, que disponibiliza fichas técnicas, filmografias completas de atores e diretores, curiosidades de gravação, e até dados sobre futuros lançamentos. O download de filmes, apesar de ilegal, também pode ser visto como um mecanismo de aprendizagem, visto que, a audiência tem acesso gratuito às obras, algo que aumenta a bagagem cultural e fílmica aos cibercinéfilos. Além de buscar conhecimentos, os cibercinéfilos também compartilhariam informação:

Os cibercinéfilos estão se ajudando para a construção de uma rede colaborativa sobre cinema. É aí que entra o compartilhamento como um dos fatores de interesse do nosso trabalho. E esse compartilhamento é um dos grandes motores que movimentam as práticas dos cibercinéfilos. É por meio dele que acontece a circulação da informação e do conhecimento que fazem dos cibercinéfilos diferentes dos cinéfilos clássicos. (FERDINAND & NICOLAU, 2014, p. 8)

4.3.2. Fandom, quadrinhos e cinema

Na web, observa-se a formação de diversas subculturas de fãs. A esse movimento seria atribuído o termo *fandom*¹⁷, utilizado para se referir a um conjunto de fãs de um determinado fenômeno cultural, como uma série, filme, ou artista particular. Um *fandom* se caracterizaria pelos “laços de solidariedade criados entre os membros de uma cultura, por compartilharem o mesmo interesse” (MASCARENHAS & TAVARES, 2010, p. 3). Janet Murray comenta sobre o crescimento das manifestações de fãs através da rede:

O culto dos fãs cresceu nas últimas décadas por meio da organização de convenções, das revistas underground e do comércio de vídeos caseiros. A internet acelerou esse crescimento ao oferecer um meio no qual os fãs podem conversar – trocando mensagens escritas – uns com os outros e, muitas vezes, com os produtores, escritores e astros das séries em exibição. (MURRAY, 2006, p. 52)

Estes fãs, como os de séries de televisão, passam horas do seu tempo on-line conversando sobre seus interesses, fazem *cosplays*¹⁸, escrevem histórias originais sobre seus personagens favoritos, participam de convenções, colecionam produtos relacionados, enfim, seriam fanáticos por uma temática específica.

Tal como o cinema, as histórias em quadrinhos possuem diversos espaços na web para discussão. Logo, o universo dos quadrinhos gera uma quantidade imensa de *fandoms* na rede,

¹⁶ Endereço: www.imdb.com.

¹⁷ O termo inglês *fandom* é formado pela junção das palavras *fan* e *kingdom*. Em uma tradução literal equivaleria a “reino dos fãs”.

¹⁸ Cosplay é uma atividade que se equivale a fantasiar-se como um personagem da ficção, de forma correta, imitando inclusive os seus traços.

tanto de personagens, quanto de publicações específicas. As editoras norte-americanas Marvel Comics e D.C. Comics, por exemplo, possuem fãs fiéis que frequentemente no ambiente on-line, e fora dele, discutem qual das duas é superior.

Desde o início da década de 2000, os cinemas têm recebido várias adaptações de filmes baseados em super-heróis dos quadrinhos. Apesar de outras tentativas terem sido realizadas anteriormente, foi a partir deste período que o público se habituou a esperar todo ano pelo lançamento de *blockbusters* baseado em histórias em quadrinhos. Na presente data, por exemplo, estão previstos mais de 30 filmes baseados em quadrinhos, em um período de seis anos.¹⁹ A produtora de filmes Marvel Studios foi a que mais se destacou. A partir do lançamento de *Homem de Ferro* (2008), de Jon Favreau, a Marvel começou a estabelecer um universo cinemático, com as tramas de seus filmes conectadas, gerando expectativa do público sobre o que viria a seguir. Além da Marvel, outros estúdios como a Fox, Sony e Warner adaptaram histórias de super-heróis para telona, às vezes apresentando personagens desconhecidos pelo grande público, que tiveram um ganho de popularidade após suas respectivas aparições nos cinemas.

Adaptações no cinema, tanto de livros quanto de quadrinhos sempre ocasionam debates calorosos. Os meios são diferentes e portanto, mudanças se fazem necessárias, o que pode desagradar ao fã que leu o material original como também cativar um espectador médio de cinema. Mais de uma década após *X-Men* (2000), sucesso comercial que impulsionou uma leva de filmes sobre super-heróis, já se tem uma imensa parcela de espectadores que cresceram assistindo a tais filmes, público que muitas das vezes, conheceu personagens icônicos dos quadrinhos através do cinema. Ao mesmo tempo, coexistiriam os fãs antigos, que cresceram lendo histórias clássicas dos mesmos personagens através dos quadrinhos, cujo sonho (ou pesadelo, no caso das adaptações ruins) de vê-los interpretados por atores de carne e osso se tornou real.

Fãs de quadrinhos podem se demonstrar bastante intransigentes perante mudanças de seus personagens queridos no cinema, como também diante da apreciação de elementos do seu nicho por um público maior do que aqueles que colecionam gibis. Por outro lado, há o público ocasional que assiste os filmes apenas por diversão, pouco se importando com fidelidade às origens dos personagens. Na internet, existem ambiente virtuais em que os dois tipos, tantos os fãs de quadrinhos quanto os espectadores de cinema, podem se colidir,

¹⁹ Infográfico mostra agenda dos filmes de super-heróis até 2020. Disponível em <<http://abr.ai/1wZq4Mu>> Acesso em: 03/11/2014.

gerando discussões que evidenciam os seus diferentes pontos de vista. É o caso do site Omelete, que veremos em seguida.

5. PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES NAS CRÍTICAS DE CINEMA DO SITE OMELETE

O Omelete é um site brasileiro de notícias de entretenimento, cujas raízes estão nos quadrinhos. Com o crescimento da página outros temas foram somados, em destaque o cinema, o que lhe garantiu com o tempo uma audiência maior do que a de leitores de gibis. Para observar a coexistência entre o antigo e novo público, as diferentes formas de relação entre os visitantes e as críticas do site e as características dos leitores do Omelete de hoje foram analisados comentários publicados em críticas de adaptações cinematográficas, baseadas em super-heróis dos quadrinhos.

5.1. Omelete: Entretenimento levado à sério

O site Omelete²⁰ foi criado em 2000 por Érico Borgo, designer gráfico, e Marcelo Forlani, publicitário. No início, seu conteúdo era voltado para fãs de quadrinhos. Atualmente, a cobertura do Omelete abrange diversos temas da cultura pop, buscando pautas no cinema, na música, na televisão, em games, além, claro, dos quadrinhos. Seu slogan é “Entretenimento levado à sério”, o que deixa claro a missão e o segmento de notícias do site. A ideia por trás do nome vem do prato culinário, a omelete, no qual pode-se adicionar qualquer ingrediente.

A empresa nasceu através do interesse por quadrinhos dos criadores, mais precisamente em uma agência publicitária em que Borgo trabalhava. A criação do Omelete ocorreu durante a febre das “ponto com”, no final da década de 1990 e começo de 2000, em que, para obter lucro, empresários vendiam ideias promissoras de sites para investidores. Com este objetivo comercial em mente, fora realizada uma reunião na agência para escolher um tema que seria usado em um site novo, encontro no qual Borgo manifestou seu conhecimento em quadrinhos. A ideia foi aprovada pela agência e o site do Omelete foi criado. A temática era promissora, pois havia poucas páginas sobre quadrinhos na época.

A divulgação foi feita, o site cresceu, conquistou audiência, até ocorrer o estouro da bolha de 2000, que abalou todo o mercado da internet. Após isso, a agência perdeu o interesse em trabalhar com o site, seguindo apenas como sócia. Borgo, no entanto, continuou

²⁰ Endereço: www.omelete.uol.com.br.

a trabalhar no Omelete, sua verdadeira paixão, produzindo conteúdo. O objetivo era fazer o site vingar. Ao mesmo tempo, outras páginas semelhantes começaram a surgir, aumentando a concorrência.

Apesar dos problemas, a ideia comercial que originou o site, isto é, criá-lo para vendê-lo, nunca foi adiante. Com o tempo vieram as parcerias. A primeira foi com o portal iG (Internet Group), que garantiu mais audiência, e em seguida, veio a parceira com o portal UOL (Universo Online), existente até hoje, que garantiu mais receita, permitindo uma melhora na infraestrutura e a contratação de mais colaboradores.

O que era um sonho, já tornou-se uma realidade que não para de crescer. Borgo define o Omelete hoje como “uma plataforma de distribuição de conteúdo nerd” (informação verbal)²¹. Fora o site que recebe cerca de 2,5 milhões de visitantes por mês, o Omelete possui uma página no Facebook com mais de 1 milhão e 400 mil seguidores, um perfil no Twitter com 172 mil seguidores, um canal de vídeo no Youtube com mais de 430 mil inscritos, um programa de podcast semanal, e contas em outras plataformas virtuais como Tumblr, SoundCloud e Google+. Atualmente, a página mantém mais de 20 colaboradores fixos, além de externos, e conta com parceiros internacionais, como o site Collider²².

Como dito anteriormente, o site nos seus primórdios era voltado exclusivamente para fãs de quadrinhos. Contudo, o Omelete sempre buscou se adequar ao que o público queria. Assim, com o crescimento de adaptações de filmes baseados em histórias em quadrinhos para o cinema lançados ao longo da década de 2000, o site começou a tratar cada vez mais sobre cinema. Hoje o cinema é o principal atrativo do site. Borgo aponta que os quadrinhos viraram um berço de ideias para toda a indústria do entretenimento, estando presentes não só no cinema, como também nos games e na televisão.²³ Sendo assim, eles ainda detêm uma importância significativa na formação atual do Omelete.

5.2. Críticas de cinema e funcionamento da área de comentários

O foco do Omelete é o entretenimento, com destaque para o cinema. O site disponibiliza informações sobre bilheterias, críticas e estreias de filmes, trailers, calendários

²¹ Érico Borgo na palestra “Omelete: como transformar um hobby em uma empresa?” realizada no evento youPIX Festival Rio, no dia 18 de outubro de 2013.

²² Endereço: www.collider.com.

²³ Elcio Coronato entrevista criador do site Omelete. Disponível em: <<http://bit.ly/1wktFI>>. Acesso em: 15/10/2014.

de estreias no cinema, lançamentos em DVD e Blu-ray, a programação dos filmes em cartaz, além de notícias. Neste trabalho, nos deteremos nas críticas de cinema.

Além do texto em si, as críticas do site (Fig. 1) apresentam os seguintes elementos: a assinatura do crítico; o título do filme, seguido de um subtítulo contendo uma breve frase opinativa do autor; os dados da produção (país, ano, duração, gênero, diretor, atores); imagens; vídeos (geralmente trailers); e um sistema de classificação por “ovos”, que vão da escala de um a cinco, indicando a qualidade do filme (ruim, regular, bom, ótimo ou excelente).

Figura 1- Exemplo de crítica do Omelete.

As Tartarugas Ninja | Crítica

Nova versão acerta nos efeitos e erra no roteiro

Trilago Romartz
13 de Agosto de 2014

Facebook 131 | Twitter 18 | Print | 3 | Share 68

As Tartarugas Ninja surgiram obscuras e violentas nos quadrinhos de Kevin Eastman e Peter Laird. Com o passar dos anos, o tom sério diminuiu e as camadas de humor ficaram mais presentes em animações e nos filmes. O reboot produzido por Michael Bay e dirigido por Jonathan Liebesman (*Invasão do Mundo: Batalha em Los Angeles*) une essas duas vertentes: aplica a brutalidade no visual dos quelônios e as torna engraçadas e divertidas, tal qual nas últimas animações da Nickelodeon.

O conceito funciona de maneira isolada, pois o roteiro não sustenta o realismo das tartarugas. Preocupado em explicar cada um dos acontecimentos em tela, o filme se perde no meio de tantos momentos didáticos desnecessários e repetitivos. A sequência inicial (feita em homenagem a Eastman/Laird) resume em poucos minutos a vida dos protagonistas e da cidade onde vivem de forma concisa. O restante do longa, porém, julga que o espectador não é inteligente o suficiente para entender o contexto de primeira e insiste em detalhar tudo de novo - da criminalidade em Nova York a situação do quarteto principal.

Apesar disso, Liebesman captura bem o entrosamento de Leonardo, Rafael, Donatello e Michelangelo - esse último a grande estrela da equipe, como de costume. As piadas nerd ao estilo *Big Bang Theory* funcionam nas primeiras vezes, mas perdem força depois de meia hora. O que funciona de fato são as brincadeiras entre eles, que deveriam ser o foco do longa em si. O reboot, porém, decide investir em April O'Neil. A jornalista vivida por Megan Fox sempre teve um papel importante na história das Tartarugas, mas poucas vezes houve tamanha



As Tartarugas Ninja
Teenage Mutant Ninja Turtles
EUA, 2014 - 101min
Aventura Paramount

Direção:
Jonathan Liebesman

Roteiro:
Josh Appelbaum, André Nemec e
Evan Daughtery

Elenco:
Megan Fox, Will Arnett, Johnny
Knoxville (Leonardo), William
Fichtner, Alan Ritchson, Noel Fisher,
Pete Ploszki, Jeremy Howard, Danny
Woodburn, Tony Danza, Whoopi
Goldberg, Tōhru Masurano.

5 Ovos Regular

Fonte: Site Omelete.²⁴

O Omelete disponibiliza uma área, sem limite de caracteres, para comentários e discussões em todos os temas apresentados no site. O termo de uso e responsabilidade no que se refere a comentários no site é expresso da seguinte maneira:

Ao realizar o seu cadastro e publicar suas opiniões no Omelete, você toma ciência de que:

- O Omelete disponibiliza este espaço de comentários para que seus usuários expressem suas opiniões e debatam as matérias veiculadas no site.

²⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/1EOyxEV>> Acesso em 15/11/2014.

- Não será admitido o uso deste espaço para veiculação de propaganda, spam ou qualquer outra finalidade que não a discussão dos temas do site.
- As opiniões expressas na área de comentários são exclusivamente de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do Omelete e de seus editores sobre o assunto.
- Os autores dos comentários são civil e criminalmente responsáveis por publicar qualquer conteúdo que viole a lei (incluindo crimes contra a honra, ameaça, preconceito e discriminação).
- Os usuários que se sentirem ofendidos por quaisquer comentários publicados no site poderão denunciá-los ao Omelete.
- O Omelete reserva-se o direito de, independentemente de qualquer aviso ao autor, EXCLUIR qualquer comentário que, a seu exclusivo critério, considere ofensivo ao seu pessoal ou a qualquer terceiro, bem como a bloquear o acesso de qualquer usuário ao espaço de comentários, caso julgue necessário.²⁵

O site estimula a participação, mas em prol de um ambiente interativo saudável, preza pelo respeito a algumas regras básicas. Além disso, a moderação pede o auxílio dos usuários, os omelenautes, em relação a conteúdos ofensivos.

Para participar deve-se efetuar cadastro, preenchendo um formulário de forma gratuita. Após isso, o leitor pode se logar e comentar no site. Os comentários (Fig. 2) apresentam foto e nome do leitor; data e horário de publicação; pontos do omelenaute; um botão para positivar comentários, um para responder e outro para denunciar.

Figura 2 - Exemplos de comentários de leitores do Omelete.



Fonte: Site Omelete.²⁶

Pontos do omelenaute é um sistema de classificação acumulativo baseado nos comentários feitos pelo leitor no site, simbolizado pela quantidade de estrelas. Ao positivar

²⁵ Termo de Uso e Responsabilidade – Comentários. Disponível em: <<http://bit.ly/1rGwLg8>> Acesso em: 20/10/2014.

²⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/11qyuB1>> Acesso em: 15/11/2014.

a opinião dos leitores, o número de estrelas se altera. Os leitores podem responder diretamente a qualquer comentário e toda conversa em que o omelenauta participa fica salva na sua página pessoal no site, acessível ao clicar no nome do usuário, possibilitando o acesso a discussões anteriores sem direcionar-se ao endereço da notícia. Ao atingir um determinado número de denúncias, um comentário ofensivo é removido do site e seu autor bloqueado, até que a moderação do Omelete possa analisar o caso.²⁷

5.3. Análise dos comentários dos leitores

Para entender de que forma as críticas de cinema do Omelete se relacionam com o público do site hoje foram analisadas às áreas dedicadas a comentários de leitores em críticas de filmes baseados em super-heróis de histórias em quadrinhos. A escolha pelo tema das adaptações foi por elas se relacionarem tanto com o público-alvo inicial do site, os fãs dos quadrinhos, como também por se incluírem na categoria cinema, principal atrativo do Omelete atualmente.

Os filmes escolhidos foram *Batman: O Cavaleiro das Trevas Ressurge* (2012), *O Homem de Aço* (2013), *Capitão América 2: O Soldado Invernal* (2014) e *O Espetacular Homem-Aranha 2: A Ameaça de Electro* (2014). As críticas dos dois primeiros, embora relativamente antigas, ainda impulsionariam comentários de leitores. Para entender porque isso acontece foram lidos comentários publicados no período de 15 a 25 de outubro de 2014. Já as críticas de *Capitão América 2* e *O Espetacular Homem Aranha 2* foram selecionadas por causa da recepção diferente que tiveram com o público e os críticos: enquanto o primeiro foi bem aceito, o segundo dividiu opiniões. Nos dois casos foram lidos comentários publicados em um período de 30 dias a partir da data de publicação de cada crítica, tempo que, em média, um filme costuma ficar em cartaz no cinema.

5.3.1. *Batman: O Cavaleiro das Trevas Ressurge* e *O Homem de Aço*

As cinco matérias mais comentadas do site Omelete no dia 25 de outubro de 2014 eram: em primeiro lugar, “Os Vingadores 2: Assista agora ao primeiro trailer do filme”, com 771 comentários; em segundo, “O Homem de Aço: Crítica”, com 46867; em terceiro,

²⁷ Novo sistema de comentários do Omelete está no ar! Disponível em: <<http://bit.ly/1wN8Pw3>> Acesso em 21/10/2014.

“Batman V Superman: Primeiro teaser pode ser divulgado até dezembro”, com 171; em quarto, “Mulher-Maravilha: Warner quer diretora para comandar o filme”, 137 e em quinto, “Batman - O Cavaleiro das Trevas Ressurge: Crítica” com 57293 comentários.

Em comum, todas estas matérias estavam vinculadas a adaptações de histórias de super-heróis dos quadrinhos no cinema. Isto seria um indicativo da preferência do público, em meio a pluralidade de temas da cultura pop que englobam a cobertura do site. Outro destaque é que das cinco matérias, duas eram referentes a críticas cinematográficas, cujo número de comentários em muito supera as outras três.

A crítica de *O Homem de Aço*²⁸ foi publicada no dia 25 de julho de 2013 e a de *Batman – O Cavaleiro das Trevas Ressurge*²⁹ em 26 de julho de 2012. Apesar dos filmes já terem saído de cartaz há um bom tempo, as duas críticas ainda proveriam uma considerável quantidade de comentários de leitores.

No período analisado, foi percebido a repetição de comentários de determinados leitores. Apesar da abertura para o público em geral, cada uma das páginas tinha seu grupo de comentaristas mais assíduos. Nos dois casos, os leitores, fãs dos quadrinhos da D.C. Comics criaram fóruns nas áreas destinadas a comentários. Isto se justificaria, pois os protagonistas dos dois filmes, Superman e Batman, são provenientes da mesma editora. O primeiro fora chamado de MOS, por conta do título original do filme, *Man of Steel*, e o segundo nomeado como TDKR, pelo mesmo motivo (*The Dark Knight Returns*). A formação de fóruns da D.C Comics no Omelete fica clara através do comentário do usuário Son of Darkness:

Boa noite pessoal!!! Na página do trailer dos Vingadores 2, teve um comentário de um tal do @Ninja (não é o @Ninja do TDKR) que me irritou um pouco. Ele dizia, ou pensava, que nós (MOS) estamos tentando meio que ocultar as postagens da Marvel, e que todos somos Dcnavatas, achei o comentário patético. É isso que somos?³⁰

Havia um forte senso de camaradagem e união entre os membros desses fóruns, que utilizaram a área de comentários para conversas sobre temas variados. O clima de informalidade apesar disso, com frequência, abria espaço para o uso de linguagem chula e troca de ofensas pessoais, como exemplificado no comentário do internauta Kaneda:

²⁸ O Homem de Aço | Crítica. Disponível em: <<http://bit.ly/1yMGy9Y>> Acesso em 25/10/2014.

²⁹ Batman - O Cavaleiro das Trevas Ressurge | Crítica. Disponível em: <<http://bit.ly/10FM5UP>> Acesso em 25/10/2014.

³⁰ Disponível em: <<http://bit.ly/1yMGy9Y>> Acesso em 25/10/2014.

novamente dando uma olhada nos comentários de vocês e o que eu encontro (DE NOVO) absolutamente nada aproveitável!! estou começando a pensar que vocês são um tipo escória que realmente não possuem capacidade de evoluir pelo contrário vocês parecem INVOLUIR.. DEUS.. é tanto lixo.. que eu me sinto um gênio superdotado quando estou por aqui.. agora devo dizer que pelo menos um comentário se salvou em meio toda essa merda.. aquele que mostrou o plágio nojento de um super imbecil que não tem nem opinião própria e tem que copiar o que outros escreveram.. nojento!! como sou o único que tem cérebro! fiquem com algo bem diferente.. um shoujo.. DEUS.. como se vocês soubessem o que é SHOUJO.. que vermes! na verdade foi meu filho que encontrou essa parada.. mas se eu pudesse descrever em uma palavra.. MIDORI NO HIBI é FOFO!! DEUS.. quando eu leio as merdas que vocês escrevem eu fico com aquela sensação tipo parecido como quando uma barata encosta em você.. tá ligado?? espero que vocês evoluam.. de coração!!³¹

O irônico é que o mesmo leitor, assim como outros, apesar de criticar duramente e ofender os colegas de fórum sempre retornaria a participar do espaço.

No caso das duas críticas, a análise dos filmes em questão, raramente foi discutida ou mencionada pelos omelenautas, durante os dez dias observados. As discussões dos fóruns foram construídas a partir de temas da atualidade. No período escolhido, por exemplo, o tema mais comentado, nos dois espaços foi o lançamento do trailer do filme da Marvel Studios, *Os Vingadores 2: A Era de Ultron*. Os participantes dos fóruns também conversaram sobre séries de televisão do momento, como *Gotham*, *Flash* e *Constantine*. As críticas do Omelete nos dois casos acabaram esquecidas, nestes espaços visivelmente dominados pelos leitores.

5.3.2. Capitão América 2: O Soldado Invernal

Publicada no dia 4 de abril de 2014, a crítica de *Capitão América 2: O Soldado Invernal*³² contabilizava 1368 comentários até 27 de outubro de 2014. O texto de Érico Borgo trazia informações da história do personagem nos quadrinhos, narrava a trama do filme e era em essência, favorável a adaptação cinematográfica. Borgo destacou a diversão proporcionada pelo filme, sem sucumbir ao realismo excessivo em um filme de super-herói. O único ponto negativo, de acordo com o crítico, foi o uso do 3D, em sua opinião uma conversão desnecessária. *Capitão América 2* recebeu quatro ovos, o que na classificação do site o qualificaria como “ótimo”.

³¹ Disponível em: <<http://bit.ly/1yMGy9Y>> Acesso em 25/10/2014.

³² Capitão América 2 - O Soldado Invernal | Crítica. Disponível em: <<http://bit.ly/1wPX5c1>> Acesso em: 27/10/2014.

Os comentários dos leitores, de modo geral, também foram favoráveis ao filme. Para tecer elogios, o público do site mais manifestou sua opinião pessoal do que citou o texto de Borgo. Alguns omelenautes, inclusive, escreveram textos longos, críticas completas e independentes do site, que foram comentadas, curtidas e avaliadas pelos demais usuários.

A principal discussão dos leitores em relação a crítica de Borgo foi referente ao número de ovos dados ao filme. O visitante Ronan foi um dos que aprovaram a classificação:

Eu também sou um que achou os 4 ovos justo!! E é uma boa nota. A historia não é taaaaao fantástica assim. Boa parte das "reviravoltas" são bem previsíveis mas funciona no filme. O restante da produção está impecável. O filme é otimo... pronto. Muita gente considerou injustiça os 4 ovos fazendo comparações com outras notas aqui no site em outros filmes. Bom... talvez seja os outros filmes é que estejam superestimados.³³

A comparação seria inevitável. Como apontado pelo leitor, alguns visitantes acabariam voltando a críticas de filmes anteriores, com avaliações melhores ou piores, mas com o mesmo número de ovos, como visível no comentário do internauta L@!r em relação à *Capitão América 2*:

Assisti essa semana esse filme. Desculpem, mas esse filme é MUUUUUIITOOOO superior ao Thor 2. Se é melhor que Vingadores é discutível. Mas 4 ovos pra esse filmaço é sacanagem! Colocar no mesmo patamar de Thor pegando o metrô é o fim da picada. Aliás, quarta semana em cartaz e a sessão do filme estava lotada! #borgofailed³⁴

Para alguns omelenautes, como Frederico, a justificativa para o número de ovos seria a conversão em 3D que desagradou ao crítico: “É impressão minha ou o Borgo tirou um ovo por causa do 3D? Desde quando 3D baixa nota de um filme?”³⁵

Fora algumas ofensas desnecessárias, de forma geral a crítica e, principalmente, o filme foram bem recebidas pelo público do Omelete. No espaço de comentários, os participantes também promoveram discussões, comparando *Capitão América 2* com outros filmes de super-heróis como *Homem de Ferro 3* (2013) e *Hulk* (2003). A seriedade presente na trilogia cinematográfica de Batman, de Christopher Nolan, foi uma das comparações mais constantes entre os usuários, como pode se observar no comentário do omelenaute Diogo:

³³ Disponível em: <<http://bit.ly/1wPX5c1>> Acesso em: 27/10/2014.

³⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/1wPX5c1>> Acesso em: 27/10/2014.

³⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/1wPX5c1>> Acesso em: 27/10/2014.

Incrível como em qualquer tópico sobre filme de super-herói alguém SEMPRE compara o filme em questão com o Batman/Nolan, sempre... E imediatamente o mimimi começa. Batman/Nolan se tornou o padrão com o qual absolutamente tudo é comparado, e é só ler outros tópicos sobre filme de super-herói nesse e em outros sites pra ver como agora tudo tem que ter tom "realista"... Minha opinião sobre isso? Besteira, sabe um filme realista de super-herói muito bom? Kick-Ass, compara esse com TDK. Comparar Soldado Invernal com o Primeiro Vingador faz mais sentido do que com Batman/Nolan.. Comparar Homem-Aranha (Sam Raimi) com o (não tão)Espetacular Homem-Aranha também, vamos comparar Watchmen com Vingadores então.³⁶

Os acontecimentos do filme em si também foi tema de conversa. Vários participantes, como o omelenaute Marcelo, apontaram *spoilers*³⁷ da trama:

Agora, um pequeno SPOILER: Na lápide do suposto sepultamento de Nick Fury, está escrito: "The path of the righteous man. Ezekiel 25:17." É uma referência ao versículo bíblico que Jules Winnfield citava no filme Pulp Fiction. Já pensaram na possibilidade de Jules Winnfield ser Nick Fury disfarçado? Na verdade, os dois personagens são do ator Samuel L Jackson. Daí o easter egg no vinal de Capitão América 2.³⁸

No caso, além de ter dito algo que aconteceu no decorrer da narrativa, o internauta compartilhou um *easter egg* por ele captado ao assistir ao filme, detalhe que poderia ter passado despercebido por outros leitores.

5.3.3. *O Espetacular Homem-Aranha 2: A Ameaça de Electro*

A crítica de *O Espetacular Homem-Aranha 2: A Ameaça de Electro*³⁹ foi publicada no dia 30 de abril de 2014, contabilizando 1281 comentários até 28 de outubro de 2014. A avaliação de Marcelo Hessel foi desfavorável ao filme, apontando falhas no roteiro, o excesso de vilões, além de uma falta de evolução do herói. Segundo o crítico, trataria-se de um produto descompromissado voltado para a geração dos *millennials*, em que tudo acabaria soando artificial. Hessel deu dois ovos para o longa, o que na classificação do Omelete seria equivalente a "regular".

³⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/1wPX5c1>> Acesso em: 27/10/2014.

³⁷ O termo *spoiler* tem origem no verbo *spoil*, da língua inglesa que significa estragar. *Spoiler* é quando uma fonte de informação revela informações sobre o conteúdo de algum livro, ou filme, sem que a pessoa tenha visto.

³⁸ Disponível em: <<http://bit.ly/1wPX5c1>> Acesso em: 27/10/2014.

³⁹ O Espetacular Homem-Aranha 2: A Ameaça de Electro | Crítica. Disponível em: <<http://bit.ly/1nbFpUI>> Acesso em 28/10/2014.

Os comentários dos leitores para *O Espetacular Homem-Aranha 2: A Ameaça de Electro* dividiram opiniões. Alguns dos fãs gostaram do uniforme do personagem e dos efeitos visuais do filme que lembrariam uma história em quadrinhos em movimento. Outros não aprovaram o perfil do Peter Parker da adaptação, devido a sua descaracterização em relação ao personagem dos quadrinhos.

Essa divisão de posicionamentos relacionou-se com a parcialidade da crítica de Hessel. Internautas, como francisco carlos apoiaram o crítico do Omelete: “AssiSti o filme e concordo com a critica. 02 ovos tá de bom tamanho. O ponto positivo é que é melhor que o primeiro. Mas não supera nenhum da velha trilogia”.⁴⁰ Outros, no entanto, o criticaram, quase sempre, de forma pouco educada, como o leitor NOP: “acho que a crítica do Hessel é ridícula e birrenta, ele nem analisou o filme, pegou 3 ou 4 pontos negativos que ele procurou e viu, e jogou no site pra justificar a nota preconceituosa. Nota essa, extremamente incoerente...”⁴¹

Às vezes, os leitores questionavam Hessel, sem se referir especificamente a crítica em questão, como exemplificado no comentário do visitante LordMarcio:

Caramba, como o Hessel tá mal em suas críticas!! Simplesmente, ele não vê mais a valorização das técnicas de cinema...Tá preso em sua visão "o filme seria melhor de fosse assim..." enquanto esquece de avaliar o filme é! É basicamente o que define um crítico.⁴²

Hessel manteria uma fama entre os leitores do Omelete de escrever textos de difícil de leitura e suas críticas frequentemente seriam repudiadas, como apontado pelo omelenautea Wagner: “Malhar as críticas do Hessel aqui é sagrado desde ‘A Origem’, mas no fundo a gente ama ele..”⁴³

Além do antagonismo exaltado de opiniões, certos leitores fizeram de forma mais equilibrada, listas apontando destaques positivos e negativos de *O Espetacular Homem-Aranha 2*. Outras formas de manifestações nos comentários foram resenhas completas do filme, exaltadas ou execradas pelos demais visitantes, e comparações com a trilogia de cinema antiga do Homem-Aranha, dirigida por Sam Raimi, nas quais se discutiam os melhores atores, diretores, história, etc. A referência a críticas do mesmo filme em outros sites também foi constante. O usuário Allyson, por exemplo, pediu a seus colegas para

⁴⁰ Disponível em: <<http://bit.ly/1nbFpUI>> Acesso em 28/10/2014.

⁴¹ Disponível em: <<http://bit.ly/1nbFpUI>> Acesso em 28/10/2014.

⁴² Disponível em: <<http://bit.ly/1nbFpUI>> Acesso em 28/10/2014.

⁴³ Disponível em: <<http://bit.ly/1nbFpUI>> Acesso em 28/10/2014.

desconsiderarem a opinião do Omelete, estimulando-os a ler resenhas de *O Espetacular Homem-Aranha 2* em outros sites como Judão, Cineclick, Uol, Cinema em Cena, Filmow e Nerdduty. Em comum, todas positivas, ao contrário do texto de Hessel.

Os comentários relativos a quadrinhos foram bastante numerosos. Muitos leitores ao criticar o filme questionaram se os produtores e até mesmo seus companheiros omelenautas, que assistiram e gostaram da adaptação, leram os gibis do personagem. Outros disponibilizaram links para download de histórias em quadrinhos do Homem-Aranha. Foi visível uma cobrança por parte de certos leitores, como Cardozo, em relação a fidelidade aos quadrinhos no cinema:

Acho que a sony, propôs uma nova abordagem do aranha, uma outra história, outro foco, mas errou feio na mão. Não acho nada esse filme "Fiél aos quadrinhos". De fiél, só o uniforme e o nome dos personagens. Mais nada.⁴⁴

Já outros omelenautas, como Eduardo, tentaram conciliar, mostrando que quadrinhos e cinema são coisas diferentes:

Leiam quadrinhos. Sério! Tanto os escrito pelo Bendis quanto pelo Slott. E entendam que uma coisa é HQ e outra é cinema. Há diferenças, mas o espírito é o mesmo. E deixem de ser tão chatos como o Hessel e o Borgo porque não viram o Homem-Aranha do Romita na tela.⁴⁵

5.4. Perfil dos omelenautas

A leitura dos comentários provenientes das quatro críticas mencionadas possibilitou observar características dos leitores atuais do site Omelete, os chamados omelenautas. A relação entre a crítica e o público foi diferente em cada caso, entretanto, foram notados determinados padrões de comportamento comuns entre os participantes.

A apresentação pessoal foi uma delas. A maior parte dos perfis foi constituída de nomes visivelmente fictícios, *nicknames*⁴⁶ inspirados em personagens de jogos, séries, filmes ou histórias em quadrinhos. Da mesma forma se caracterizavam as imagens dos usuários, que exibiam ilustrações de personagens da cultura nerd. Nomes e fotos, aparentemente, de pessoas reais também estavam presentes, mas em número bem inferior.

⁴⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/1nbFpUI>> Acesso em 28/10/2014.

⁴⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/1nbFpUI>> Acesso em 28/10/2014.

⁴⁶ Nickname é um apelido usado para identificação de usuários na internet.

Não é possível fazer comentários anônimos no Omelete. Para comentar é obrigatório estar logado no site. Mas isto não significa que o participante tenha que usar a sua verdadeira identidade: ele poderia ser quem quiser. Janet Murray (2003) estrutura a participação no ambiente virtual como uma máscara. A autora lembra, que nos festejos populares da Idade Média as pessoas comuns usavam máscaras e fantasias para participar destes eventos. As máscaras, segundo Murray, separariam os participantes dos não participantes e reforçariam a natureza especial da realidade compartilhada, criando as realidades da fronteira imersiva e sinalizando que os participantes estariam atuando e não participando como eles mesmos. O mesmo ocorreria em meios virtuais interativos:

Em ambientes digitais podemos vestir uma máscara quando atuamos por meio de um avatar. Um avatar é uma imagem gráfica como um personagem de videogame. Em muitos jogos e salas de bate-papo da internet, os participantes escolhem um avatar para poderem entrar num ambiente comum. Mesmo quando os avatares são desenhados grosseiramente ou oferecem possibilidades muito limitadas de personificação, eles ainda são capazes de proporcionar identidades alternativas que podem ser utilizadas com vigor. (MURRAY, 2003, p. 114)

No Omelete, as identidades alternativas deram liberdade para visitantes falarem sobre qualquer tipo de assunto, em diferentes tons de conversa, desde os mais calmos aos mais exaltados. Com frequência, certos usuários extrapolaram fazendo ofensas pessoais aos críticos do site e aos demais comentaristas participantes, além de tecerem discursos passionais, irracionais e preconceituosos direcionados a membros específicos. O uso de palavrões e linguagem chula também foi recorrente.

Borgo aponta que certos visitantes entram no site e começam a xingar os demais usuários por conta do título de um artigo publicado, sem sequer ter lido o texto. Segundo o crítico do Omelete, isto ocorreria porque na época atual “a informação ficou restrita a 140 caracteres ou pior: a uma imagem” (informação verbal).⁴⁷

A clara referência ao Twitter serve para ilustrar que em uma época na qual as pessoas têm acesso rápido a tudo na rede, com frequência tornariam-se impacientes para ler textos extensos, como críticas e comentários do site, o que poderia condicionar má interpretação e conduta indesejável perante outros. Logo, o formato da web permitiria que os internautas expressassem seus sentimentos, às vezes, de forma não muito sensata:

⁴⁷ Érico Borgo na palestra “Omelete: como transformar um hobby em uma empresa?” realizada no evento youPIX Festival Rio, no dia 18 de outubro de 2013.

As pessoas podem se apaixonar rapidamente na internet e também expressam sua raiva com grande facilidade (por exemplo, “queimando” uns aos outros em grupos de discussão). Alguns publicam em suas páginas pessoais (os sites que mantêm na world wide web) coisas que sequer contaram a seus amigos íntimos. O encantamento do computador cria para nós um espaço público que também parece bastante privado e íntimo. (MURRAY, 2003, p. 102-103)

Com a adoção de pseudoidentidades, os participantes da área de comentários nas críticas do Omelete se sentiriam isentos de responsabilidade e, principalmente de sensibilidade perante os outros. O fenômeno lembra o processo de adiaforização, citado por Leonidas Donskis:

O mal espreita no que tendemos a tomar como normalidade e mesmo trivialidade e banalidade na vida cotidiana e não como casos anormais, patologias, aberrações e coisas semelhantes. [...] Dificilmente seria possível compreender o fenômeno da perda de sensibilidade sem o conceito de adiaforização da conduta humana. *Adiaphoron* (plural *adiaphora*) em grego significa algo desimportante. [...] Um *adiaphoron* é uma saída temporária de nossa própria zona de sensibilidade; a capacidade não reagir ou de reagir como se algo estivesse acontecendo não com pessoas, mas com objetos físicos, coisas, e não seres humanos. As coisas que ocorrem são desimportantes, não acontecem a nós ou conosco. (BAUMAN & DONSKIS, 2014, p. 48)

Segundo Donskis (2014, p. 50) alguma das causas da adiaforização do comportamento humano seriam “a racionalidade instrumental; a sociedade e a cultura de massas, [...] e uma concepção de mundo tal que você parece estar sempre envolto por um poder graças ao qual ninguém vai reconhecê-lo; identificá-lo ou envergonhá-lo”. A última, em especial, relacionaria-se perfeitamente com o caso do site, em que a construção de identidades falsas estimulou a insensibilidade de participantes perante outros. É comum encontrar na web espaços de discussões parecidos, em que o usuário, em um estado de semi-anonimidade, entra, ofende os demais e sai impune. No Omelete, o usuário ofensor pode ter seu conteúdo removido pela moderação, após denúncias, e até ser bloqueado. No entanto, isto poderia ser driblado com a criação de uma conta nova no site.

Além de xingamentos, os leitores do Omelete utilizaram outras formas pejorativas para se referir a outros visitantes. Foram utilizadas expressões típicas de nicho dos quadrinhos como “dcnautas”, para se referir a leitores que em seus comentários defendem assuntos pertinentes a D.C. Comics, e “marvetes”, associada aos participantes a favor da Marvel Comics. Trata-se de uma representação em uma comunidade virtual de uma rixa existente entre os fãs das editoras rivais. Outro termo frequentemente utilizado foi “fanboy”,

relacionado ao fanatismo exagerado, às vezes cego, por qualquer coisa, o que afetaria o julgamento crítico do leitor.

Apesar das desavenças, foi visível o estabelecimento de formas de solidariedade e aprovação entre os usuários. Se houve questionamento de opiniões contrárias também ocorreu a valorização das ideias alheias, na maior parte das vezes, mais em relação a outros leitores do que aos críticos do site. Além dos elogios feitos de participantes para participantes, esse apoio também evidenciou-se através do alto número de estrelas de determinados omelenautes, bem como no de comentários positivados.

Outra marca manifestada pelo público do Omelete nas críticas apresentadas foi a vaidade. Muitos comentários geraram discussões enormes, com o simples objetivo de verificar quem sabia mais do que o outro. Ninguém queria passar por ignorante, como se o conhecimento específico sobre quadrinhos fosse motivo de orgulho para alguns leitores. Por se tratarem de adaptações cinematográficas baseadas em personagens que tiveram suas origens nas histórias em quadrinhos, muitos leitores recorreram a dados desse meio para reforçar seus argumentos a favor ou contra o filme, nem sempre argumentando de forma educada com os demais. Foi comum encontrar relatos de participantes que diziam ler histórias de determinado personagem desde a infância, algo que faria deles especialistas, distintos de uma massa de ignorantes. Com certa arrogância, esses usuários se propuseram a defender a fidelidade aos quadrinhos disponibilizando informações aos usuários que só conheceram os super-heróis através do cinema, os ditos leigos.

Além do conhecimento sobre quadrinhos demonstrado, os omelenautes também apresentaram características de cibercinéfilos. Nos comentários, usuários disponibilizaram links para críticas de outros sites (concorrentes do Omelete), assim como escreveram as suas próprias para serem lidas por outros leitores. A escrita de resenhas completas por usuários foi possível porque o site não limita o espaço de comentários. Para reforçar suas opiniões em relação ao filme, participantes apontaram as notas que eles receberam em sites especializados, agregadores de críticas de cinema, como Rotten Tomatoes⁴⁸ e Metacritic⁴⁹.

Quanto a interatividade, ela se manifestou mais entre os usuários do que com o próprio site. Os leitores podiam discordar ou concordar com os críticos do site, mas sempre de uma forma distante, nunca encontrando respostas às suas contra-argumentações. O Omelete não responde diretamente a comentários de leitores, havendo uma clara separação espacial e

⁴⁸ Endereço: www.rottentomatoes.com.

⁴⁹ Endereço: www.metacritic.com.

interativa entre crítica (acima) e comentários de leitores (abaixo), apesar de ocuparem a mesma página. Nos comentários a única forma de participação efetiva do site é através da moderação que excluiria comentários ofensivos denunciados. Sendo assim, as trocas de ideias, debates e discussões ocorreriam somente entre leitores.

Os debates entre usuários poderiam se tornar tão interessantes para eles a ponto de estabelecerem discussões permanentes no setor de comentários, como visto nos exemplos dos surgimentos dos fóruns de fãs da D.C Comics, que evidenciam a apropriação de espaços do site pelos leitores. A fidelidade dos omelenautes tanto foi usada a favor como contra. Frequentemente o público contestou o site e seus críticos, utilizando para isso informações do próprio Omelete. Como nos casos de questionamento do número de ovos, possível graças a memória da audiência e facilidade de acesso a críticas anteriores para comparação. O uso da memória na web é apontado por Marcos Palacios:

Na web a memória torna-se coletiva, através do processo de hiperligação ente os diversos nós que a compões. Desta maneira, o volume da informação anteriormente produzida e diretamente disponível ao usuário e ao produtor da notícia cresce exponencialmente no jornalismo on-line, o que produz efeitos quanto a produção e recepção da informação jornalística. (MACHADO & PALACIOS, 2003, p. 20)

O que uniu todos os leitores que escreveram os comentários analisados neste trabalho foram as críticas dos filmes. No entanto, a crítica e o filme não foram os únicos tópicos de conversa entre omelenautes, visto que, como tratava-se de um site que cobria múltiplas áreas da indústria do entretenimento, os leitores estariam atentos a outras notícias, bem como poderiam ter interesses assuntos variados. O Omelete, no lugar de um site tradicional, se apresentaria como “uma verdadeira ‘comunidade’ de cinéfilos, maníacos por games e fãs de histórias em quadrinhos, aglomerando fóruns e chats ao redor do eixo que é a resenha enquanto ligação com o produto original” (FIRMINO JUNIOR & TAVARES, 2011, p. 9). Portanto, a polivalência de interesses por temas da cultura pop seria outra característica dos leitores do Omelete, expressa nos comentários observados através de conversas sobre séries de televisão, e até de outros gêneros de filme, fora da temática de quadrinhos.

6. CONCLUSÃO

A leitura e análise dos comentários dos leitores do site Omelete possibilitou observar uma mudança na relação entre público e mídia. Diferente do público que lia críticas de cinema publicadas nos meios impressos, cuja interação entre interlocutores era praticamente nula, os internautas em páginas da web, como a escolhida para a realização deste trabalho, podem se relacionar de forma imediata com o conteúdo, membros da audiência e com os publicadores.

O exemplo da publicação de cartas de leitores, típico de impressos, embora elogioso era insuficiente para averiguar com categoria a recepção do conteúdo jornalístico apresentado perante a audiência. Além disso, dessa forma, seria fácil manipular a opinião pública, selecionando somente opiniões favoráveis e elogiosas de leitores, desconsiderando os mais descontentes e contestadores.

No caso do Omelete, obviamente, alguns leitores aprovaram as avaliações feitas pelos críticos do site, reforçando, conforme o caso, os mesmos pontos fracos e fortes encontrados nos produtos culturais analisados. Contudo, houve também a manifestação da opinião contrária, a crítica da crítica, em que internautas rebateram as opiniões dos críticos, seja pela classificação dada pelo sistema de ovos do site ou pelos próprios destaques positivos e negativos outrora dissertados.

O leitor ganhou força nos ambientes virtuais, pois na web, ele tem a possibilidade de mostrar que é um ser pensante, interpretativo, instigante, curioso e atento. No caso da crítica, um texto claramente opinativo, o leitor teria discernimento para compreender a subjetividade do formato e assim questionar os enunciadores, dividindo com outros leitores sua própria opinião perante o produto, no caso analisado, adaptações cinematográficas de histórias de super-heróis dos quadrinhos.

Assim como o crítico, o leitor também é um espectador que pode se encantar ou desencantar com um filme. No entanto, somente o primeiro teria um espaço em evidência para manifestação de pensamentos. Com a abertura da área de comentários nos meios virtuais esse panorama mudou completamente, pois todos têm a possibilidade de narrar e compartilhar suas experiências no cinema com outros usuários que leem, concordam e discordam das distintas e coexistentes opiniões periféricas.

Na rede, se há a crítica oficial e profissional de um site, como o Omelete, publicada em destaque no alto da página, existem também as múltiplas críticas emergentes nos espaços de comentários. Breves ou longas, todas essas opiniões publicadas são significativas, em um processo comunicacional em que todos são convidados a comentar, tanto favoravelmente quanto contrariamente ao pensamento hegemônico do site.

A relação direta do público com os críticos também é diferente na internet. No caso do Omelete, os rostos de críticos como Borgo, Forlani e Hessel são bem conhecidos pelo público graças a participação diversificada dos mesmos nas diversas mídias, como vídeos e podcasts, as quais os membros do site se aventuram. Em outra época, no máximo, o leitor podia encontrar a sua disposição uma foto estática, geralmente com expressão séria, do crítico nos cadernos culturais. No site analisado, a audiência sabia claramente quem eram os autores dos textos lidos, bem como suas personalidades. Se por um lado essa informalidade oriunda da participação em outras mídias aproximou mais os críticos dos leitores, ela também os expôs bastante, como visto em comentários especificamente direcionados.

A análise de um site de nicho, com público delimitado, possibilitou a observação de determinadas características que não poderiam ser observadas em páginas com enfoque geral. No caso estudado, o Omelete transpirava quadrinhos em cada canto da página, algo evidenciado através da aparição de personagens típicos do meio no layout do site, como também nos avatares dos leitores-comentaristas.

Com tal audiência específica, evidentemente, as discussões muitas das vezes transgrediram as críticas dos filmes selecionados, levando os participantes a fazerem comparações entre outros longas de super-heróis, e entre as adaptações e os respectivos quadrinhos originários. Na web, os produtores de conteúdo têm a oportunidade de aprender mais com o público, através do conhecimento acumulado dos leitores, que não pode ser subestimado. Nos comentários lidos, alguns continham observações relevantes não abordadas pelo texto da crítica do site, seja por desconhecimento dos autores ou por decisões editoriais. Os comentários, portanto, também faziam parte da crítica, seja complementando ou sobrepondo a opinião do crítico profissional.

Outro fator que cabe salientar é o poder do hipertexto, visível através da disponibilização por parte de leitores de links para outros sites sobre personagens dos quadrinhos, bilheterias, agregadores de notas, e conteúdos diversos. Apesar do Omelete ser um site de notícias de entretenimento, o teor informativo não precisaria terminar nele. Sendo assim, até mesmo críticas de outros sites, concorrentes do Omelete, foram disponibilizadas

por leitores. Nas publicações impressas era praticamente impossível um leitor enviar um texto em prol de uma empresa concorrente e ter seu comentário publicado. Além disso, as próprias críticas do Omelete podem se tornar atemporais, acessíveis a qualquer momento pelo visitante, o que serviria para comparar as notas de filmes atuais com avaliações antigas.

A opinião no jornalismo cultural, reforça-se com as manifestações dos leitores na web. A rapidez do meio permite a publicação imediata tanto de críticas de filmes, quanto de comentários do público, simultaneamente a exibição do filme nos cinemas. Logo, caso um visitante indeciso precisasse de opiniões antes de decidir se iria assistir a um determinado filme, ele encontraria na crítica e nos comentários diferentes pontos de vista. No caso do Omelete, além do texto opinativo e da classificação através do sistema de ovos feito pelo site, o internauta também teria a possibilidade de acessar as críticas dos leitores, com comentários classificados por outros membros do mesmo espaço virtual.

Na rede, usuários ligados pelo mesmo tema podem estabelecer laços de amizade, dada a sua ligação em comum. Apesar das brigas e discussões que também podem surgir a partir da coexistência de múltiplos pontos de vista, alianças também podem ser construídas, tendo um site como ponto de encontro, como visto nos exemplos dos fóruns criados no Omelete por fãs da D.C Comics. Os participantes destes espaços se uniram, apropriando-se de uma área disponibilizada pelo site, mantendo contato e interação e discutindo sobre temas a eles relevantes.

Todos os leitores cujos comentários foram lidos para a realização deste trabalho foram atraídos pelas críticas, assim como pela temática multicultural do site. O entretenimento em geral, foco do Omelete, manifestou-se também nas discussões surgidas a partir das críticas, cujos tópicos raramente fugiram do universo da cultura pop. O Omelete é um site que hoje não só reúne fãs de quadrinhos, como também um público interessado em cinema, séries de televisão, games e música. Assim, invariavelmente, estes leitores com interesses distintos se inter cruzam e debatem nos espaços abertos de discussão presentes nas diversas matérias disponíveis no site.

Convêm mencionar que o autor realizou tentativas de contato com o site analisado para obter um posicionamento oficial sobre a relação do mesmo com os comentários de leitores, mas não obteve retorno. Mesmo assim, é inegável que o Omelete estimula a participação de seus leitores nas áreas de comentários bem como solicita auxílio quanto a denúncia de comentários ofensivos. Contudo o site não se relaciona diretamente com seu público nestes

espaços de interação. Desse modo, ao mesmo tempo que há um convite a manifestação da opinião da audiência, há também um distanciamento após a publicação dos textos opinativos.

Logo, como sugestão para estudos futuros fica a ideia de análise de um site, que além de conter um espaço para comentários de visitantes, também interaja diretamente com seus leitores. Apesar de parecer redundante, um site também é leitor de si mesmo e dos comentários feitos pela audiência. Sendo assim, seria interessante averiguar a manifestação de uma página perante a opinião do público, algo comumente visto em blogs.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa**: Do mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

ARGAN, Giulio Carlo. **Tarefa e significado da crítica**. *Arte e crítica de arte*. 1ª ed. Lisboa: Estampa, 1988.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2006.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BENJAMIM, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. *Magia e Técnica: arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CARREIRO, Rodrigo. **História de uma crise**: a crítica de cinema na esfera pública virtual. *Contemporânea*, Salvador, vol .7, n. 2, dez. 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/1wZbLYk>> Acesso em: 3 nov. 2014.

CARVALHO, Rafael. **O lugar da crítica de cinema como gênero do jornalismo cultural e sua crise**. *Baleia na Rede*, Marília, vol. 1, n. 10, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/1sMESIh>> Acesso em: 3 set. 2014.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

_____. **A Sociedade em Rede**. Vol. I. 8ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DOCTOR, Ken. **Newsonomics**: doze novas tendências que moldarão as notícias e o seu impacto na economia mundial. São Paulo: Cultrix, 2010.

FERDINAND, Lincoln. NICOLAU, Marcos. **Cibercinefilia**: práticas midiáticas e autonomia comunicacional nas mídias digitais. Trabalho apresentado no XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, João Pessoa, 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/1un7zCW>> Acesso em: 3 nov. 2014.

FIRMINO JUNIOR, João Batista; TAVARES, Olga. **A resenha on-line no site Omelete**: entre narrativas digitais e o público. Trabalho apresentado no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/10f4U0j>> Acesso em: 2 nov. 2014.

GOMES, Regina. **Crítica de cinema**: história e influência sobre o leitor. *Crítica Cultural*, vol. 1, n. 2, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://bit.ly/1tlxXuK>> Acesso em: 28 ago. 2014.

JOHNSON, Steve. **Cultura da Interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**, São Paulo: 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: 34, 1996.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (Org.). **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: GJOL: Calandra, 2003.

MASCARENHAS, Alan; TAVARES, Olga. **A inteligência coletiva do fandom na rede**. Trabalho apresentado no XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Campina Grande, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/1uk1dU8>> Acesso em: 3 nov, 2014.

MURRAY, Janet. **Hamlet no Holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

PEREIRA, Reinaldo Maximiano; COSTA, Tatiana Alves de Carvalho. **O papel da crítica cultural e cinematográfica**. *Complexus*, Cel. Fabriciano, vol. 2, n. 1, jan/mar. 2004. Disponível em: <<http://bit.ly/1079VYq>> Acesso em: 2 set. 2014.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades virtuais**: uma abordagem teórica. *Ecos Revista*, Pelotas, vol. 5, n. 2, p. 109-126, 2001. Disponível em: <<http://bit.ly/1twe8RG>> Acesso em: 2 nov. 2014.

RODRIGUES, Carla (Org.). **Jornalismo on-line**: modos de fazer. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Sulina, 2009.

SAMUEL, Rogel. **Manual de Teoria Literária**. Petrópolis: Vozes, 1985.

SILVA, Marco. **O que é interatividade**. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<http://bit.ly/1ha56hR>> Acesso em: 4 nov. 2014.

XAVIER, Antonio Carlos. Hiperleitura e interatividade na web 2.0. In: RETTENMAIER, Miguel; ROSING, Tania M. K. **Questões de leitura no hipertexto**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2013.